

DEPÓSITO LEGAL 30 SET 1941 92

MUNDO GRÁFICO



A
Avenida,
passeio favorito
dos
estrangeiros,
numa
manhã de sol

B. B. C.



A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em **LÍNGUA PORTUGUESA**

Hora de Verão	Estações	Ondas curtas
13,15 noticiário	G R Z	13,86 m. (21,84 mc/s)
13,30 actualidades	G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*) noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
22,15 actualidades	G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros
(12,04 mc/s) em G R V

Sumário

- UM MANDATO NACIONAL, pelo Dr. Marques Guedes
 REFLEXOS DO MUNDO
 SHOLTO DOUGLAS, biografia
 CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»
 E ÊLES CHEGAM SEMPRE. Os Estados Unidos estão a produzir, por mês, 500 aviões pesados de bombardeamento, por Carlos Ferrão
 ANA NEAGLE
 UM PORTUGUÊS EM LONDRES — O TEATRO E O «BLITZ», por Oscar da Silva
 WINSTON CHURCHILL revela ao mundo quais foram os livros que mais o interessaram
 QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? Responde Leitão de Barros
 O DOMÍNIO DOS MARES
 OS FILHOS DA TERRA
 A CONFERÊNCIA DO ATLANTICO, reportagem gráfica da sensacional entrevista entre Roosevelt e Churchill
 NA FRENTE LESTE. As características da batalha germano-russa durante as últimas 3 semanas de hostilidades
 SENTINELAS DO ATLANTICO. Heroísmo e glória aos marinheiros da Inglaterra!
 ACTUALIDADES
 FOGO! Reportagem gráfica
 OS MARINHEIROS AMERICANOS EM LISBOA, por Rodrigo de Mello
 A BATALHA DO MATERIAL
 PAGINA FEMININA, por Aurora Jardim
 SPORT — A GINÁSTICA NA PREPARAÇÃO PRÉ-MILITAR
 O ANÚNCIO, novela de Arlete Lopes Navarro
 CRÓNICA ALEGRE — O PROBLEMA DO SOARES, por José Mercador
 A FORTALEZA DO ORIENTE, por W. M. Towler
 CINEMA, por António Lourenço



A graciosa princesa Margaret Rose, segunda filha dos reis de Inglaterra que, no dia 21, completou onze anos, tendo recebido de seus augustos pais a undécima pérola do seu colar que só ficará completo no seu vigésimo primeiro aniversário



Dunhill

O melhor
cigarro Americano

★

Importadores exclusivos

Roque Pinto, L. da

R. do Amparo, 94-1.º

Lisboa

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



UM MANDATO NACIONAL

pelo dr. MARQUES GUEDES

MUITO se tem discutido sobre a individualidade geográfica e a homogeneidade étnica da Nação Portuguesa. É de primeira intuição que não se pode agora nem sequer resumir o já longo debate. Sou daqueles que vivem na forte convicção de que várias causas concorreram para nos diferenciar das restantes gentes hispânicas e aqui podermos, através de oito séculos, formar e manter um Estado independente e uma grei com lingua literária, modos de ser e estilos de vida própria, a afirmação tenaz, por vezes gloriosa, dum sentimento de comunidade de destino e de vocação histórica.

Se quasi sempre a acção dos chefes se conjugou, harmónica, com as aspirações do Povo, é admirável verificar que este sempre teimou em viver livre e teve, nas crises graves, um instinto exacerbado até à luta da sua conservação e sobrevivência.

Bem pode dizer-se e repetir-se Portugal é e sempre foi uma Nação — uma daquelas nações, que precedem os Estados e (para me servir da expressiva frase dum mestre internacionalista) lhes sobrevivem mesmo nos seus sepulcros.

Toda a nossa acção diplomática tendeu àquele objectivo dominante de sobrevivência politica. Para resistir ao movimento de unificação das nacionalidades ibéricas, hábilmente, teimosamente, tecemos e desenredámos, conforme era mister, uma teia de alianças, jogando com as conveniências e as orientações politicas dos diversos estados peninsulares.

A força centripeta do forte núcleo castelhano, as outras Nações da Ibéria tiveram de resistir em pontos de apoio fora da Península, fazendo uma politica diplomática extra-hispânica. A Navarra apoiou-se na França e, vencendo o obstáculo natural dos Pirinéus, viveu e resistiu enquanto ponde numa vida mais francesa do que espanhola. O Aragão apoiou-se nas Baleares, na Sicília, na Itália. O Condado de Barcelona procurou sempre entender-se com a Catalunha francesa e com a República de Génova. Portugal, com intenção semelhante, fez a politica da Aliança com a Inglaterra e da sua expansão para além do Mar.

O nosso primeiro Império, em Marrocos, fracassou. Assim o reconhecemos oficialmente com D. João III, quando abandonámos «os logares de Africa»; a tragédia nacional, que inutilizou a tentativa sebastica para reatar a nossa primeira tradição colonial, foi uma confirmação inapelável daquele fracasso. Mas vingámos nas Ilhas Atlânticas, na Mina, nas duas Costas de Africa, no Oriente, no Brasil, nas plagas e sertões, nas fazendas e feitorias da nossa actividade mineira, lavradeira e mercantil, na acção missionária das populações indigenas, na nossa própria história trágico-marítima...

Sempre evitámos envolver-nos nas lutas do Continente. A intuição das nossas necessidades e dos nossos destinos impunha-nos uma politica ultramarina. Tinhamos uma missão e um fim de oceanidade; com as terras da nossa expansão, fizemos e fazemos uma unidade politica e económica, que, por isso mesmo, bem pode dizer-se um império.

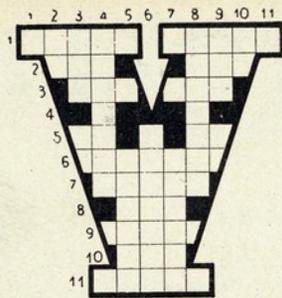
Na larga e agitada Guerra dos 30 anos, cuidadosamente nos mantivemos neutrais, mau grado as solicitações dos contendores. D. João III via bem que, se nos aliássemos com Francisco I, concitaríamos contra nós as represálias da forte monarchia dos Austrias. O interesse nacional sobrepuja-se ás simpatias pessoais e ás estreitas ligações de família com Carlos V, que não podíamos apoiar para não ajudarmos a crescer ainda mais o poderio dum aliado já demasiado grande e com reservadas intenções de conquista e absorpção.

Depois da Restauração, tivemos, inevitavelmente de envolver-nos na intriga ardente da politica europeia. Fomos ás côrtes da Europa; batemos, insistentes e desatendidos ás portas do Vaticano e dos Congressos de Westfália; procurámos reatar a tradicional aliança inglesa e buscar amizades novas. Mas, tudo isso o faziamos para obtermos o reconhecimento da independência restaurada. O que queríamos era ressurgir, sobreviver.

A querela da Sucessão ao trono de Espanha condenou-nos a ser o teatro da guerra. Nela tivemos de envolver-nos e dela saímos, naturalmente feridos, e sem a menor vantagem politica e territorial. Tão pouco tirámos qualquer beneficio das lutas da Revolução e do Império; só nos enleámos nelas quando as armas dos partidos em luta cá vieram perturbar a pacifica gestão do patrimonio politico de sete séculos.

Conhecemos — porque a história claramente no-los indica — as linhas duma politica diplomática tradicional. São nítidas e imperiosas as suas injunções, porque as lições da história se não desprezam sem a sanção de desenganos, ás vezes irreparáveis: Não nos forcem elas nem a improvisar nem a esquecer e muito menos a iludir os compromissos formais ou as supremas aspirações da Nacionalidade.

Estamos, naturalmente, onde estivemos sempre, nem valem impacências ou embaimentos de manobras habilidosas. Há que manter apenas, e através de tudo, uma attitude de calma ante o destino inelutável e de um apaziguamento, que é a expressão



PROBLEMA N.º 22

HORIZONTAIS

- 1 — Elegância; Querida.
- 2 — Pronome pessoal; Foi.
- 3 — Além; Espaço de tempo.
- 5 — Pedra de mofno; Dirigia-se.
- 6 — Que pode ser ouvido.
- 7 — Cerimonial religioso (pl.)
- 8 — Clamor.
- 9 — Andei à roda.
- 10 — Claridade que o Sol envia à Terra.
- 11 — Legara.

VERTICAIS

- 2 — Campeão.
- 3 — Caminho (subs.); Nociva.

- 4 — Apelido do vice-presidente do Conselho do Ar. da Inglaterra.
- 5 — Separo.
- 6 — Triunfo.
- 7 — Falar em voz alta.
- 8 — Apelido do Chefe do governo australiano.
- 9 — Lavro; Artigo árabe.
- 10 — Cede.



Solução do problema n.º 21

MAQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON
CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros KARDEX e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

da maior consciência do nosso eterno sentido de sobrevivência politica.

Todos os actos em contrário seriam vão, e isso já chegaria para os condenar; mas, seriam, além disso, impatrióticos nas suas conseqüências, mesmo quando o não fossem nas suas intenções.

As consciências sãs não custa nunca o cumprimento do dever; o difficil, para muitas delas é por vezes saber em que elle consista.

REFLEXOS DO MUNDO

Soldado e Monge



Falamos aqui há semanas dum dos chefes da

Marinha de Guerra Francesa Livre — capitão de mar e guerra que se fizera carmelita após a grande guerra.

Os belgas livres têm igualmente o seu monge-soldado. É a figura bem conhecida do Padre Martial Lekeux, que na guerra passada atingiu o posto de Major e agora se encontra na Inglaterra, tendo mais uma vez trocado o seu burel de franciscano pela farda do militar.

Publicou sobre a sua vida nas trincheiras um livro admirável. — «Mon Cloître dans la Tempête, que foi traduzido em português — onde se pode ver como é possível unir o ideal dum religioso e o realismo cruel do soldado — quando tudo sacrificam à causa da pátria.

Outro de seus livros é a vida de uma irmã-professora — irmã de ideal e dedicação — «Maggy». «Deus, Pátria e Família» — é sem dúvida a trilogia que serve de estrêla do norte a Frei Martial Lekeux, major do exército belga em terras inglesas.

Motorista londrino



Contou o sr. António Ruggeroni, há dias, ao microfone da B. B. C. o facto que segue. Nos bombardeamentos que a capital inglesa heroicamente tem suportado, foi aquele surpreendido em plena rua.

As bombas explodiam aqui e slém. A certa altura António Ruggeroni lançou-se por terra para evitar os estilhaços.

Passado pouco tempo, porém,

viu surgir um *taxi*, que muito calmamente andava à «pesca» de fregueses, com os vidros todos estilhaçados.

Tomou-o e dirigiu-se para o hotel. Não havia andado muito quando uma explosão tremenda sacudiu o veículo. O *chauffeur*, porém, continuou intemerato.

Chegado ao hotel, o sr. Ruggeroni pagou a conta e observou o motorista que se retirou. Esperava vê-lo dirigir-se para o abrigo anti-aéreo mais próximo. Mes não. Continuava a rondar, à *pesca* de mais clientes, como o faz qualquer *taxi* de Lisboa, onde não há bombas, nem se corre o risco de morrer esmagado debaixo duma parede.

História dum «Pardal»



«Pardal» é um funcionário português da B. B. C. Todos o conhecem pelo assobio perene que o acompanha para onde quer que vai.

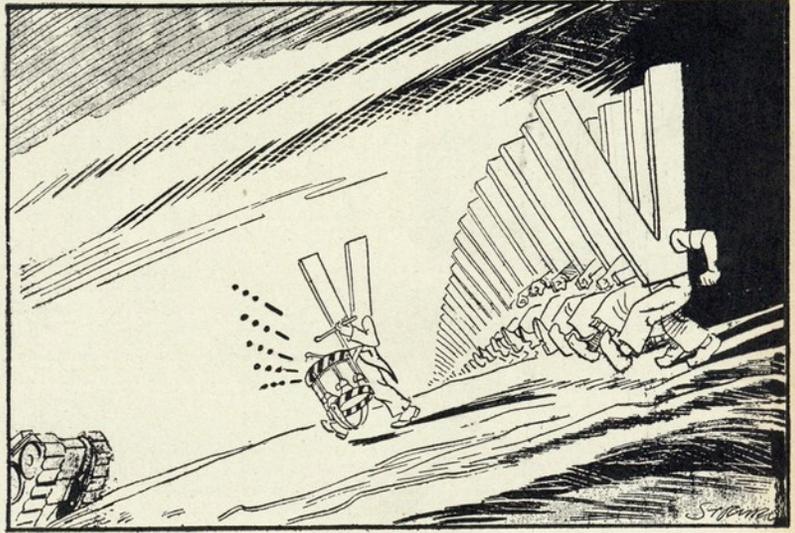
Acompanha no assobiar as bombas que ele não conhecia antes de ir para Londres.

Dormia um dia profundamente quando o acordou um alarme anti-aéreo.

Começou a vestir-se o melhor possível. Como queria levar o seu fato mais bonito, por uma questão de elegância, levou naturalmente tempo.

Quando chegou ao abrigo, com a gabardine no braço, o *Pardal* foi acolhido com uma gargalhada. Uns estavam em pijama, outros em roupão e nenhum — a não ser o «Pardal» — estava vestido de festa.

Dias depois souo de novo o alarme. *Pardal* estava no banho, todo ensaboadado. Assim mesmo, com uma toalha a servir-lhe de tanga, dirigiu-se ao abrigo, onde foi dos primeiros a chegar. Desta vez, porém, com grande escândalo das senhoras.



O exército do V, comandado pelo major Britton, continua a sua marcha!

(Do Daily Telegraph)

Exposição



Em Inglaterra expõem-se e muito os troféus de vitória sobre o inimigo: aviões abatidos, estilhaços de granada, etc. Os sinais de martírio e da heroicidade também: pedras de edifícios destruídos, monumentos históricos e pinturas de danos causados em bairros.

Nenhuma exposição, porém, teve ainda o êxito de uma que está aberta em Oxford, onde se vê uma carta com 70 anos de idade. Quer dizer do tempo em que havia guerra entre a França e a Prússia — a guerra de 1870.

Essa carta foi enviada de Paris para Londres, durante o cerco da capital francesa. Saiu num desses célebres balões que mantiveram a cidade da luz em contacto com o resto do mundo e tem colado um selo de dois francos.

Prevenção trágica

Num país europeu estão-se a mudar as autoridades que não se mostram afectas ao novo sistema de governo. As comissões administrativas recebem como presidente um homem da confiança pessoal das autoridades.

Havia um burgo particularmente renitente e ao qual nome nenhum por mais escolhido o satisfazia.

As autoridades propuseram então à cidade um nome muito conhecido, a ver se era aceite.

Reuniu-se a administração municipal e resolveu-se respon-

der aos proponentes: «Esta cidade não vê inconveniente em receber por presidente esse senhor, contanto que não fique cá».

Os proponentes compreenderam, então, que se tratava do princípio mesmo. Não era questão apenas de nomes.

Astronomia dos números



Gary Cooper, cavaleiro «sem medo e sem mancha» do *écran*, tem um ordenado de 120.000 libras por ano.

A pequena Shirley tem um ordenadinho de nada, pequeno como a estatua dela. 29.000 libras, ou sejam 2.900 confos. Pouca coisa como se vê...

2 produtos
indispensáveis
à Beleza
da sua pele:



Creme e Pasta de Amêndoas
Rainha da Hungria

São produtos M.^{me} Campos

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

Canelas & Figueiredo, L.^{da}

PRODUTOS COLONIAIS
CORREIAS E MANGUEIRAS
“GOODYEAR”

Telef. 25058

RUA DOS FANQUEIROS, 46 // LISBOA



SHOLTO DOUGLAS

Sholto Douglas é um dos heróis populares da R. A. F. O seu aparecimento, em qualquer parte da Inglaterra, provoca sempre justificado entusiasmo. Os seus compatriotas sabem quanto devem ao patriotismo esclarecido, à braura pessoal e ao saber profissional deste conhecido marechal do Ar.

William Sholto Douglas, que foi recentemente investido das funções de comandante da aviação de combate da Gran-Bretanha e viu os seus serviços premiados com as mais altas distinções honoríficas, é bastante novo.

Quando estalou a grande guerra estudava em Oxford. Seu pai era um ilustre professor universitário que se especialisara no estudo da arte italiana, em que era uma autoridade. Pai e filho alistaram-se imediatamente nas forças que seguiram para o continente.

O jovem Douglas, uma vez desembarcado em França, não tardou a apaixonar-se pela arma aérea e a pedir a sua transferência para ela. Em julho de 1915 recebia o «brevet» de piloto. Entre setembro de 1917 e o termo das hostilidades, em novembro de 1918, a sua esquadilha destruiu 201 aviões inimigos certos e 149 prováveis.

Em 1920 regressou ao serviço da aviação militar, já então conhecida pela sua designação actual: Royal Air Force. Serviu na metrópole e no Médio Oriente, como chefe de pilotos e instrutor. Em 1932 foi colocado no Colégio da Defesa Imperial.

Entre 1936 e 1940 serviu no Estado Maior da sua arma, acompanhando a França o chefe da aviação britânica que era, nessa altura, Sir Cyril Nerval. Em maio de 1940 foi nomeado subchefe do Estado Maior da arma aérea e em novembro foi-lhe confiado o comando da aviação de combate. Um mês depois era promovido, por serviços distintos, ao posto de marechal.

Sholto Douglas, que é um exemplo vivo das virtudes militares dos oficiais da R. A. F., pertence à pléiade heroica que o Primeiro Ministro legendou para sempre com a sua frase histórica: «Nunca tantos deveram tanto a tão poucos».

A entrevista do "Potomac"

O presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha encontraram-se, em pleno Atlântico, a bordo do Yacht "Potomac", numa entrevista que ficará a marcar uma data na história do actual conflito. A solidariedade dos países de raça e de língua anglo-saxónica afirmou-se de maneira decisiva. O mundo sabe que os dois países cooperaram, estreitamente, não apenas para a realização dos objectivos transitórios que a guerra, dia a dia, vai assinalando, mas para a construção definitiva da paz. Mais do que qualquer eventualidade ou contingência da luta, essa realidade passou a dominar a acção anglo-americana.

O ambiente sensacional que rodeou o encontro e a oportunidade da sua realização são circunstâncias essenciais para a compreensão dos acontecimentos que estão em plena evolução. A batalha do Atlântico trava-se numa enorme extensão e a um ritmo significativo: as paragens do Pacífico aparecem directamente ameaçadas por um alargamento das hostilidades de incalculáveis consequências. E' num ambiente espesso de dúvidas e de incertezas que o bloco constituído pela Gran-Bretanha e pelos Estados Unidos afirma a sua força e a sua decisão. E' quasi inútil afirmar que, desde o início do actual conflito, nenhum facto como este é de molde a trazer uma decisão e a apressá-la.

O Império britânico e a grande república norte americana não representam apenas a mais vasta extensão territorial e o mais numeroso aglomerado demográfico em todo o mundo. São igualmente um reservatório inexgotável de matérias primas e um centro de produção industrial inigualável. São, sobretudo, a sede e a origem dos princípios de ordem política e dos postulados de ordem moral que garantem à humanidade a sua progressão segura no caminho dum futuro melhor.

Os oito pontos, definidos na declaração comum que Roosevelt e Churchill assinaram, aparecem comparados, na imprensa de todas as partes da Europa e da América, aos catorze pontos comunicados pelo presidente Wilson durante a conflagração de 1914-18. Está nisso talvez o seu maior elogio. A opinião pública norte americana apreende hoje o significado profundo das concepções wilsonianas; mede a grandeza dos perigos que impediram a sua aplicação integral, e reconhece que a cooperação internacional continua a ser o único alicerce firme e estável da paz. Mostra-se decidida a remediar os erros cometidos e as faltas verificadas dando a sua colaboração efectiva para a realização da tarefa comum da segurança e do desarmamento universais.

Em 1919 o Senado aniquilou a acção do presidente, e com o seu voto, aniquilou as esperanças que as suas viagens à Europa haviam suscitado. Surge, de novo, a possibilidade de estabelecer, em bases sólidas, a colaboração internacional. Vão os homens deixar que ela ainda desta vez se perca, por qualquer acto impensado ou por qualquer atitude menos reflectida? O mundo está numa encruzilhada. O feito do presidente Roosevelt e do Primeiro Ministro Winston Churchill significará que, no meio da desorientação geral e contrariando os factores de dissolução e desagregação que a guerra inevitavelmente traz, há ainda nações que se deixam guiar por um pensamento firme de acção que se fundamenta nas leis imutáveis e eternas da justiça e do respeito recíproco.

O OBSERVADOR

Entramos no terceiro ano de guerra. Evocamos os dias angustiantes de setembro, já depois da ocupação da Austria, de que foi prólogo o assassinio de Dolfuss, dos territórios sudetas e do que restava da Checoslováquia. Até ao derradeiro momento a Inglaterra procura salvar a paz do mundo, mesmo depois da invasão da Polónia. E' então que a Gran-Bretanha pela boca de Chamberlain—essa Inglaterra que não por medo, mas por horror a um segundo conflito mundial, cedera e transigira tantas vezes, diplomaticamente, declara guerra. Em junho de 1940 dá-se o colapso da França. O que se vai passar? A Inglaterra está sôzinha em face dum Europa que, na sua quasi totalidade, está coberta pelos exércitos do inimigo. Então, simplesmente, numa atitude unica na História, cheia de dignidade e de grandeza, honrando os seus compromissos, respeitando-os até ao sacrificio mais grave, ela declara que continuará a lutar seja qual for o resultado.

Está isolada na liça! Enganam-se aqueles que proclamavam o seu abatimento em seguida à derrota da França e, tendenciosamente a acusavam de imperialista.

Pois bem, são as duas nações acusadas de imperialismo — os Estados Unidos também — que declaram agora, num transcendente documento que não procuram quaisquer compensações territoriais na luta, mas restaurar os países ocupados, assegurando ao mesmo tempo as crenças e os governos de cada povo.

Churchill



Churchill falou! Mais uma vez a sua admirável eloquência suspendeu o mundo. Há em certos períodos dessa magistral peça

oratória, martelada de dureza implacável, os acentos dum Demostenes.

Não foi só um homem que falou, mas, todo um império, com um som de bronze, cortado de clarins de guerra, que, fazendo do pensamento uma força, transpôs o espaço, gravando-se, indelévelmente, nas almas.

A poesia dos jardins

Os nossos jardins e praças ajardinadas vão tomando aspecto decorativo, beleza floral, e as árvores, graças a Deus, já não são, numa cirurgia cruel, cortadas pelos podadores municipais. O Jardim da Estrêla, que o ciclone devastou, resurgiu mais belo, com lindas notas de côr, devaneios poéticos, logradouros infantis, e áreas, onde as árvores românticas sombreiam os pares enamorados e os poetas nostálgicos. Outros também, remocaram em Anacreonte a sua graça, embora com certo artificio que a beleza consente.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



UM GIGANTESCO «LIBERATOR», DOS MILHARES DE AVIÕES QUE A AMÉRICA ESTÁ FORNECENDO À INGLATERRA

E ELES CHEGAM SEMPRE!

Os Estados Unidos estão a produzir, por mês, 500 aviões pesados de bombardeamento

A aviação norte americana é uma aviação de qualidade. Essa característica especial, que corresponde aos sentimentos da população, tem-lhe dado numerosos êxitos de técnica e de realização.

Dos dois lados do Atlântico, na Gran-Bretanha e nos Estados Unidos, a indústria aeronáutica produz a um ritmo crescente. A ideia fundamental do estado maior britânico para a conclusão da guerra actual não oferece segredos. Os

chefes militares ingleses pensam que só o domínio absoluto do ar lhes pode dar a vitória pois sem essa condição seria não só arriscada mas, segundo tôdas as probabilidades, desastrosa qualquer tentativa de desembarque no continente europeu. Clemenceau costumava dizer a Lloyd George que a última batalha tem de ser ganha em terra. "Napoleão, costumava dizer o "Tigre,, não foi vencido em Trafalgar, mas em Waterloo,,. Lord Beaverbrook falando, há pouco, para os ameri-

canos, glosou o mesmo tema dando a entender que sem a intervenção dum exército poderoso a luta pode prolongar-se por muito tempo.

Que contribuição estão a dar os americanos para a conquista da superioridade aérea indispensável à Gran-Bretanha? Depois de visitar as grandes fábricas de construção instaladas na Califórnia, Lord Halifax escreveu na carlinga dum dos aviões, dirigindo a sua mensagem ao Primeiro Ministro! "Muitos outros como



Uma das maravilhosas "fortalezas voadoras," a mais notável concepção da aeronáutica moderna, que levou a guerra para a estratosfera e cujo raio de acção, tendo a Inglaterra por base, domina tódá a Europa



Os Estados Unidos puzeram à disposição da Gran-Bretanha, muito antes da "Entente anglo-americana," assinada agora no campo de batalha do Atlântico, por Churchill e Roosevelt, os seus centros de instrução aeronáutica. Um grupo de garbosos cadetes da R. A. F. desembarca em Los Angeles

êste estão já a caminho para o ajudar a levar a cabo a tarefa que se impôs". Todos os dias atravessam o Atlântico aparelhos gigantescos que poizam no solo britânico e são enquadrados nas forças do marechal Portal. Qual é o número dêsse aparelhos e a sua qualidade?

O crítico militar dum grande cotidiano londrino escrevia, com razão: "Convenciam-se chamar a esta guerra, a guerra do material, a guerra mecânica. Mas os Estados Unidos são a própria essência da mecanização em todos os ramos de actividade. Dir-se-ia que o seu povo tem uma aptidão inata para estudar e resolver os problemas delicados que se relacionam com o trabalho gigantesco da produção aeronáutica.". Os progressos que esta realizou em poucos meses devem, na verdade, considerar-se assombrosos.

Pode dizer-se que desde o início desta guerra há aviões americanos envolvidos na contenda. A arma aérea francesa chegou a alcançar alguns êxitos apreciáveis com os "Curtiss," de combate. Os ingleses usaram os bimotores "Martin" para localizar em Tarento a esquadra italiana. Os "Catalina" tiveram um papel preponderante na acção contra o "Bismark".

Mas a imaginação popular, que não desdenha o gigantesco e o maravilhoso, anda por todo o mundo cheia com as proezas das "Fortalezas voadoras," gigantescos quadrimotores de bombardeamento que voam normalmente na estratosfera e exigem um pessoal adestrado com requisitos especiais de resistência física. Era a êles que se referia o administrador da lei de empréstimo e arrendamento, Harry Hopkins, quando afirmava durante a sua última viagem a Londres: "Daremos à Inglaterra os aviões com que os seus pilotos poderão atingir as regiões mais afastadas da Alemanha e aniquilar a sua armadura industrial e os seus depósitos de materiais.,,

Dias antes, uma acção militar excepcionalmente brilhante revelara-se como o prefácio destas declarações encorajadoras. As "Fortalezas voadoras", visando as instalações dos portos franceses de Brest e de La Palice, conseguiram avariar seriamente duas grandes unidades da armada do Reich ali refugiadas, o "Scharnorst," e o "Gneisenau".

Três das mais importantes organizações industriais norte americanas trabalham agora exclusivamente na construção de aparelhos dêsse tipo: a Boeing Aircraft Co. (Seattle), a Douglas Aircraft Co. (Santa Monica) e a Vega Airplane Co. (Burbank). Os americanos foram levados pelas contingências e exigências da guerra a especializar-se na construção, em grande escala, de aviões pesados de bombardeamento, de preferência a qualquer outro tipo. E' dêsses aviões que a Inglaterra mais necessita; e o seu transporte, em muitos casos com as suas cargas de bombas completas, faz-se sem qualquer risco utilizando, com uma rapidez surpreendente, a via aérea.

Para ter uma ideia do incremento da produção norte americana basta dizer que estão agora trabalhando 500.000 operários.

Referindo-se ao número de aparelhos de bombardeamento produzidos, um reputado perito aeronáutico, o coronel John Jonett, fixou em 500 a produção das grandes fábricas norte americanas.

CARLOS FERRÃO



ANA NEAGLE

A GRANDE INTERPRETE
CINEMATOGRAFICA DA
"RAINHA VITORIA" E SEU
MARIDO O REALIZADOR
HERBERT WILCOX,
QUANDO HA DIAS ESTI-
VERAM EM LISBOA, DE
PASSAGEM PARA LON-
DRES, ONDE VAO FAZER
UM FILME GLORIFI-
CANDO A CELEBRE AVIA-
DORA AMY JOHNSON



Clare Luce e Patrick Kinsella representando a «Fera Amansada», no Southwark Park, de Londres

A famosa artista Josefina Yorke, uma das intérpretes da deliciosa comédia musical «Chu Chin Chow»

Clara Luce, a voluntariosa Catarina, de Shakespeare, lança a moda do V, nas malas de mão

UM PORTUGUÊS EM LONDRES

O TEATRO E O «BLITZ»

Antes da guerra o teatro de Londres, intencionalmente individualista e variado proporcionava ao londrino toda a gama de divertimentos, servindo todos os gostos.

A crítica e a opinião decidiam da carreira duma peça, desde o drama até à comédia musical, a farça ou a própria revista. Assim os empresários corriam sempre enormes riscos financeiros com a montagem das peças sem que nunca pudessem estar certos do seu êxito que, como disse, dependia exclusivamente da crítica e da opinião do enorme público londrino, o mais vasto do mundo.

Em contra partida uma peça que fosse bem aceita fazia carreira triunfal enriquecendo o feliz empresário que a tivesse lançado.

Há já mais de vinte anos, por exemplo, estreou-se em Londres uma comédia musical chamada *Chu Chin Chow* que obteve um êxito magnífico. Depois duma longa carreira triunfal foi reposta várias vezes em cena sempre com êxitos tremendos. No verão do ano passado fui ver uma reposição de *Chu Chin*

Chow, no Palace. Já tinha para cima de cinquenta reposições e apesar disso, apesar do estado de guerra e apesar do "black out", só se obtinham bilhetes com quatro ou cinco dias de antecedência. Veio o *blitz* os teatros fecharam e um dia em que passei por Shaftsbury Avenue vi o Palace com todos os vidros partidos e supuz que, tal qual como já acontecera a outros grandes teatros, aquele também tinha sido atingido pela guerra e que não era possível voltar a assistir por certo tempo, a espectáculos na sua majestosa sala.

Já que aceitamos o termo de *blitz* para designar os bombardeamentos aéreos de Londres porque não havemos de adoptar o termo *post-blitz* para designar o período já longo que vem desde o último grande bombardeamento de Maio até agora?

Durante o *post-blitz*, portanto, as casas de espectáculos que não tinham sido atingidas apressaram-se a reabrir as suas portas ao público.

Um dia, ao percorrer como de costume, o *Times* vejo anunciada a reposição do *Chu*

Chin Chow, no Palace. "Como no Palace?" Pensei eu. Eu que ainda não conheço bem Londres "e quantos anos serão precisos para conhecer capazmente esta enorme cidade?" Supuz por momentos que haveria outro Palace mas dias depois passando por Shaftsbury Avenue vi que era efectivamente lá que se representava o *Chu Chin Chow*. Não resisti; fui ver a peça outra vez recordando com saudade os meus primeiros tempos de Londres sem bombas.

A mesma peça, creio que o mesmo elenco com algumas diferenças e só a indumentária me pareceu um tanto mais modesta. A velha *Chu Chin Chow* reaparecera, com um pouco de poeira, menos brilhante na cena do mercado das escravas, mas com a mesma graça e a mesma desenvoltura de sempre.

Londres não morreu como os seus inimigos tantas vezes apregoaram; logo durante as primeiras semanas do *post-blitz*, tenazmente, voltou a sua vida antiga aos seus hábitos inveterados de cidade civilizada. Não contando com os teatros de ópera, as salas de

concerto e com os bailados do teatro Saddlers Wells, mais de quinze dos seus grandes teatros reabriram, uns com reposições outros com peças novas.

Por exemplo, no Wyndham representa-se agora uma comédia muito interessante de Esther Mac Cracken chamada "*Quiet Weekend*", em que a autora com muita graça critica o hábito que muitos ingleses da classe média tinham antes da guerra de passar pelos maiores sacrifícios e viajar nas peores condições durante sexta a tarde ou sábado de manhã para passarem o chamado fim de semana num "cottage", longe da cidade. Isso custava-lhes um trabalho desgraçado para limpar e arejar a casa, arranjar as camas, acender fogões que teimavam em não arder, etc. A comédia é ligeira, talvez um tanto superficial mas bem arquitectada e cheia de espírito do princípio ao fim.

No próximo número falarei dos bailados que como disse logo que o *blitz* acabou voltaram à cena.

Oscar da Silva



Um dos leões de bronze, que decoram a gigantesca estátua de Nelson, em Londres e que simbolizam a força indômita da Inglaterra

Winston Churchill

revela ao mundo quais foram os livros que mais o interessaram

NO inverno de 1896, quando completei vinte e dois anos, chegou-me o desejo de me instruir. Comecei a sentir que não tinha, em muitos ramos do conhecimento humano, as noções mais rudimentares. Tinha, ao meu serviço, um vocabulário vasto. Gostava de alinhar as palavras, como quem alinha moedas, para as contar. Mas percebi que usava um grande número de palavras de que não era capaz de dar uma definição exacta. Ao mesmo tempo recejava servir-me de outras palavras, que mal conhecia, com receio de as não empregar no sentido exacto.

No último dia que passei em Inglaterra ouvi dizer a um dos meus amigos: «O Evangelho de Cristo é a última palavra da ética». Pareceu-me muito bem a ética. Mas o que é que isto, rigorosamente, queria dizer? Nunca me tinham falado disto, nem em Harrow,

nem em Sandhurst. Quando pensava no caso parecia-me que aquela palavra podia significar as coisas mais diversas e absurdas. Ensinaram-me depois que a ética ensinava ao homem as regras para se conduzir e explicava os fundamentos dessas regras. Tinham sido publicados, a esse respeito, numerosos volumes. Teria, de boa vontade, pago uma ou duas libras a alguém que me fizesse uma palestra elucidativa sobre a ética, não durando mais de uma hora a hora e meia. Qual era a extensão desta matéria? Quais eram os capítulos em que se dividia? Quais eram os problemas que tinha resolvido e aqueles que continuavam em suspenso? Quais eram os principais autores e os livros mais conhecidos?

Em Bangalore, infelizmente, ninguém estava em condições de me dar notícias sobre a ética. Eu já tinha uns certos co-

nhecimentos de tática. Em Bangalore ninguém me podia fornecer noções precisas e concretas sobre a ética.

Eis, entre muitos, um exemplo das necessidades que o meu espírito, nessa época, começava a sentir. Eu sabia que aos dezasseis ou aos vinte anos a mocidade que freqüentava as universidades estava saturada desses assuntos e podia, ao mesmo tempo, fazer a cada um de nós perguntas embaraçosas e dar-lhes respostas não menos embaraçosas. Mas nós, no exército, não fazíamos grande caso dessa gente. Considerávamos a sua superioridade postiça. Pensávamos que eles dispunham apenas de livros enquanto nós dispunhamos de homens e estávamos incumbidos da guarda do Império. Apesar disso, eu invejava os conhecimentos que alguns pareciam possuir e desejava arranjar um professor competente para o poder ouvir e interrogar, à vontade, durante uma hora em cada dia.

Na minha presença alguém falara do «Método socrático». Quem era «Socrates»? Um grego falador, que fôra obrigado a suicidar-se tido como indesejável. Mas, ao ouvir falar dele, pensei logo que devia tratar-se duma personagem importante. Queria conhecer a sua história. Porque é que a fama de Socrates tinha atravessado tantos séculos e conseguira chegar até nós? Que razões tinham levado a República a condená-lo à morte, só porque ele falava? Devia ter havido razões ponderosas para se chegar a essa alternativa: a existência do poder ou a existência daquele falador. Um tal dilema não podia ser provocado por motivos mesquinhos. Socrates criara, decerto, alguma coisa que, já no seu tempo, era perigosa: a dinamite intelectual, o explosivo moral. Nos regulamentos de S. M. não se dizia uma palavra a tal respeito.

Havia, também, a história. Na escola, eu gostara sempre da história, mesmo sob as formas mais secas e aborrecidas que nos forneciam. Numas férias fui obrigado a decorar cem páginas de história. Por acaso, antes de voltar à escola, meu pai interrogou-me. Tratava-se da época de Carlos I. Que sabia eu, para responder às perguntas de meu pai? Respondi que o parlamento venceu o rei e lhe cortou a cabeça. Afinal não era disso que se tratava. Meu pai explicou-me: «Quando nós estávamos no período histórico que te mandaram estudar, há um facto particularmente importante que, depois, influiu em toda a nossa vida constitucional. E parece que ninguém se apercebe da importância desse facto». A preocupação, que ele manifestava, espantou-me. Mas, na altura, não me apercebi da importância que poderia ter. Agora desejava saber muito mais do que já sei a tal respeito.

Decidi-me a lêr obras de história, de filosofia, de economia política e de outras matérias. Escrevi a minha mãe, pedindo-lhe para me mandar certos livros que tinha ouvido citar. Respondeu-me imediatamente. Todos os meses o correio me trazia alguns dos livros pedidos. Em história resolvi começar por Gibbon. Tinham-me dito que meu pai lera Gibbon com prazer, sabia mesmo de cor algumas das suas melhores páginas e que este autor influenciara o seu estilo de escritor e de orador. Dedihei-me à leitura dos oito volumes do «Declínio e decadência do Império Romano», na edição de Dean Milman. O assunto e o estilo impressionaram-me. Na Índia, durante as horas quentes da tarde, desde que deixávamos os exercícios até ao crepúsculo, decorei Gibbon. Percorri esse autor triunfalmente, da pri-

(Continua na pág. 29)



A esposa do grande ministro Winston Churchill passa revista a um destacamento da «Home Guard» constituído pelo pessoal do porto de Londres

QUAL O SITIO MAIS BONITO DE LISBOA?

Responde o ilustre artista LEITÃO DE BARROS

Leitão de Barros, professor, pintor, realizador de cinema, escritor — tem todos os títulos para falar de Lisboa. É um dos seus maiores artistas, um dos seus grandes evocadores e um dos seus mais apaixonados paladinos. Falar em Leitão de Barros que, em tantas obras, tem dado o espirito, a alma e a fisionomia da cidade, é conhecê-la, através do mais expressivo da sua história, da sua glória e da sua beleza.

Eis o que ele nos diz:

Não respondo. Nem esta é pergunta que se faça a um «Amigo de Lisboa»! Lisboa, aparte certos «prémios valiosos» que mancham a sua modesta «paisagem de calça», não tem sítios feios. Nem na parte cêntrica, nem nos subúrbios. É ver essas charneas do Lumiar e de Bemfica, onde os velhos muros debruados de glicínias, de gerânios e de «bouganvilles» ensinam à Câmara Municipal que não há flores pobres nem flores ricas e que uma orientação justa varreria dos viveiros as tulipas caras por serem impróprias e as roseiras de importação por não serem nossas. Isto sem desluzte do actual serviço de Jardins, que bem merece Lisboa, sem a crise catastrófica que plantou um gazómetro junto da Torre simbólica de São Vicente, a par de Belém e pejou do nauseabundo tráfico do porto a varanda magnífica sobre o Tejo, que ligava o Terreiro do Paço à «Praia das Lágrimas», supondo que fazia uma grande obra era, certamente, uma das mais belas urbes marítimas do Mundo. Hoje, com o seu anfiteatro de trazeiras de prédios, e a sua exibição de «lavabos» e roupa estendida a todas as alturas — a cidade ainda resiste no seu conjunto, mas vista de longe, do meio do rio. De dentro, há as nesgas admiráveis das encostas quando o rio, visto entre as muralhas da cêrca moura, numa tapeçaria de prata, se desdobra como fundo. É Santo Estêvão, a Penha, as Cruzes da Sé, São Tiago, o Alecrim, e esse bairro, entre todos formoso pelo socêgo, pela calma aristocrática, pela vista deslumbrante, pela ausência dos absurdos «Klaxons» e dos infernais eléctricos,

que são — as Chagas. Bairro de boa vista e boa gente. De resto Lisboa tem locais próprios — com características definidas. Há o sítio mais «provinciano» — o passeio oriental do Rossio; a via mais internacionalista — a Rua do Arsenal; a rua mais sensual, mais aconchegada,

mais Lisboa-antiga, mais Lisboa-mourisca — a Rua da Palma, no pedaço de São Domingos ao Socorro. Há a artéria mais nova-Rica — a Avenida, e a mais intelectual — o Chiado, do Bertrand à Havanega; há o sítio mais estoira-vergas — o Parque Mayer, e o mais casto — o Jardim da Estrêla; há a pacatês do miradouro de St. Luzia e a do Alto de St. Catarina e há as ruas silenciosas dos carros C. D. que são a Buenos Ayres e onde não se fala português e onde os prédios parecem casas de Saúde envoltos em jardins.

O Bairro Alto hoje perdeu em pitoresco o que aumentou em porcaria e anda de luto desde que o farol do «Diário de Notícias» se apagou.

A Mouraria é um bairro a refazer e a repor com critério e gosto. A Alfama idem, idem. Tudo ou quasi tudo que eram notas de enternecedor pitoresco desapareceram. Os colecionadores de azulejos, sob o desleixo e desinteresse de camaras passadas, roubaram, por dois patacos, todos os registos que decoravam com graça emocionante as vielas setecentistas, os nichos de Santas, as «almi-nhas», os Cristos de devoção — foram abatidos a martelo pelos livres pensadores, livres em tudo até na asneira. E hoje, muitas dessas saborosas notas a que Júlio de Castilho se referia com saudosissimo impenitente ou estão nas mãos

de colecionários sem escrúpulos ou numa espécie de «cemitério de azulejos» que o município guarda, com religioso e ingénúo orgulho, num jardim dum velho solar no Campo Pequeno chamado Museu. E a «Casa dos Bicos» feita pelo filho do grande Albuquerque é ainda hoje um Museu de Bacalhau — nesta Lisboa civilizada e nacionalista . . .



O cântico das fontes. As quatro nereides parecem palpitar sob a carícia voluptuosa das águas nesta linda taça de bronze graciosamente recortada



O Tejo, o grande cais da Europa, com a sua floresta de mastros ribeirinhos e as suas chaminés de navios transatlânticos

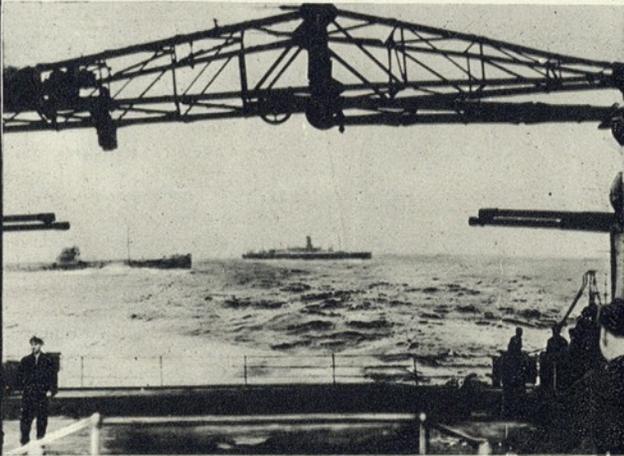


As pombas do Rocio são familiares aos transeuntes daquela praça. Com as suas azas elas engrinaldam Lisboa de poeira

O DOMINIO DOS MARES



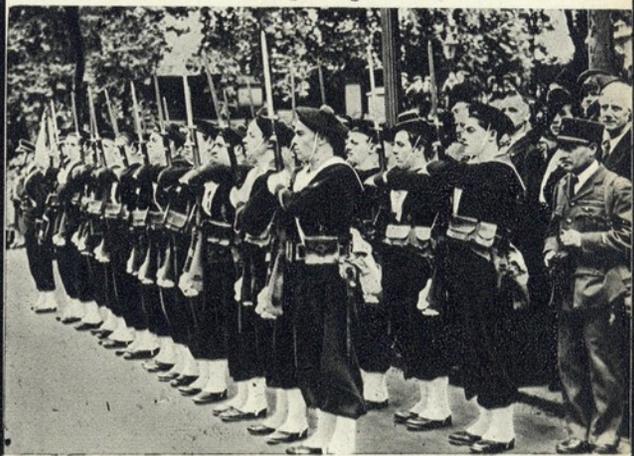
Fuzileiros da marinha inglesa num dos muitos exercicios de desembarque, a que se entregam agora, remam vigorosamente, num admirável sincronismo de movimentos



Em pleno Atlântico um "comboio," de navios americanos; carregados de material de guerra, protegidos pelos canhões vigilantes dos "destroyers," ingleses



Um grande "comboio" com uma divisão canadiana atravessa o Atlântico, escoltado por navios da Royal Navy, entre os quais o "King George V"



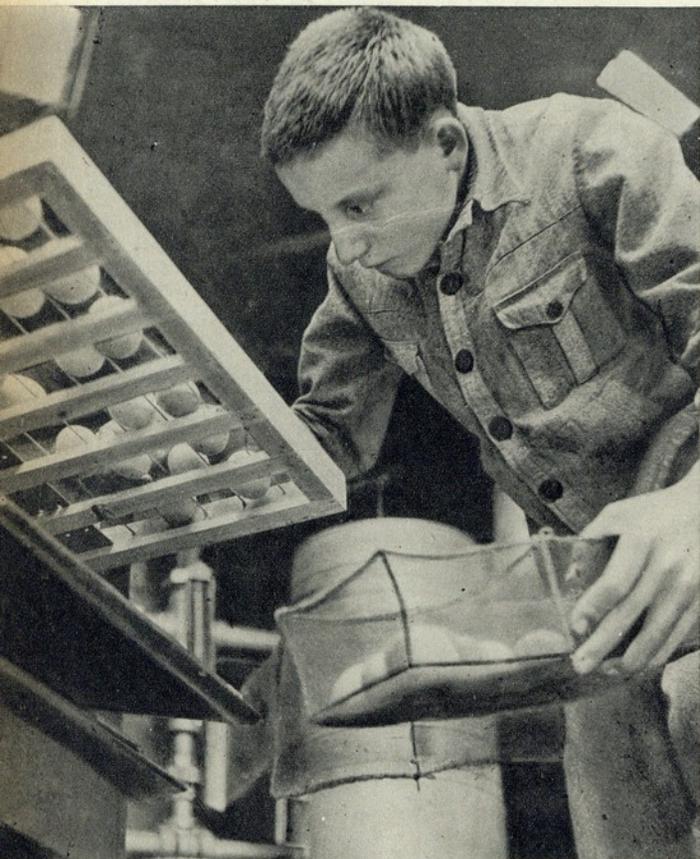
Em Londres, junto do monumento aos mortos da guerra, o almirante Musclier passa revista aos marinheiros das Forças Livres Francesas



O Almirantado, por motivos de ordem estratégica, nem sempre revela a destruição dos submarinos inimigos. Eis a tripulação dum destes que foi afundado desembarcando num porto da costa inglesa



Os lavradores de amanhã, tanto sabem amarrar uma terra, como curar um animal. A Paiz dá a estes rapazes um excelente curso de feitor em que a prática substitui tôdas as teorias livrescas



Os ovos depois de cuidadosamente escolhidos são levados para a chocadeira. Cada postura fica a cargo de um aluno

Filhos da terra

PORTUGAL, país progressivo e de energias fecundas, tem algumas indústrias que muito contribuem para a prosperidade da nossa economia. Mas, a principal riqueza da nação, originada na característica da terra, na fertilidade do solo e favorecida por excelentes condições do clima, é a agricultura.

Portugal é um país essencialmente agrícola e a solução dos problemas sociais está ligada ao desenvolvimento da agricultura. Metade dos seus habitantes vive nos campos, entregue às tarefas rurais, e essa condição justifica porque as nossas cidades não excedem certo volume populacional, comparadas com os grandes aglomerados urbanos centralizados nas regiões de grande actividade fabril.

As qualidades dos portugueses derivam para dois objectivos distintos: o mar e a agricultura. Aquele deu ao país a glória universal de uma epopeia de heroísmo e dilatou as fronteiras do Império até aos mais longínquos horizontes; o amor à terra, enraizou o sentimento pátrio, criou a felicidade e o ambiente propício ao trabalho fecundo, é fonte de riqueza e factor de progresso e opulência.

O amanho da terra, o desenvolvimento das culturas, a retribuição em colheitas produtivas, todo esse esforço magnífico que enobrece o homem e sustenta um povo laborioso obedece a regras e conhecimentos que, hoje, o tornam mais próspero e compensador e menos árduo, bem diferente das tarefas dolorosas, quando os trabalhos no campo eram feitos por processos primitivos.

Para isso contribuiu o ensino técnico e especializado, que prepara o agricultor, pela educação adequada e na prática metódica, ministrando-lhe ensinamentos e o conhecimento pormenorizado dos preceitos das culturas, desde o desbravar a terra e a selecção dos produtos e espécies apuradas, ao manejo dos instrumentos de trabalho e sua aplicação racional.

Em Portugal, este ramo de ensino, ampliado e aperfeiçoado em sucessivas transformações, desde os estabelecimentos de preparação rudimentar às Escolas Práticas de Agricultura e ao Instituto Superior de Agronomia, tem progredido de maneira notável e os resultados patenteadam-se na prosperidade sempre crescente da lavoura.



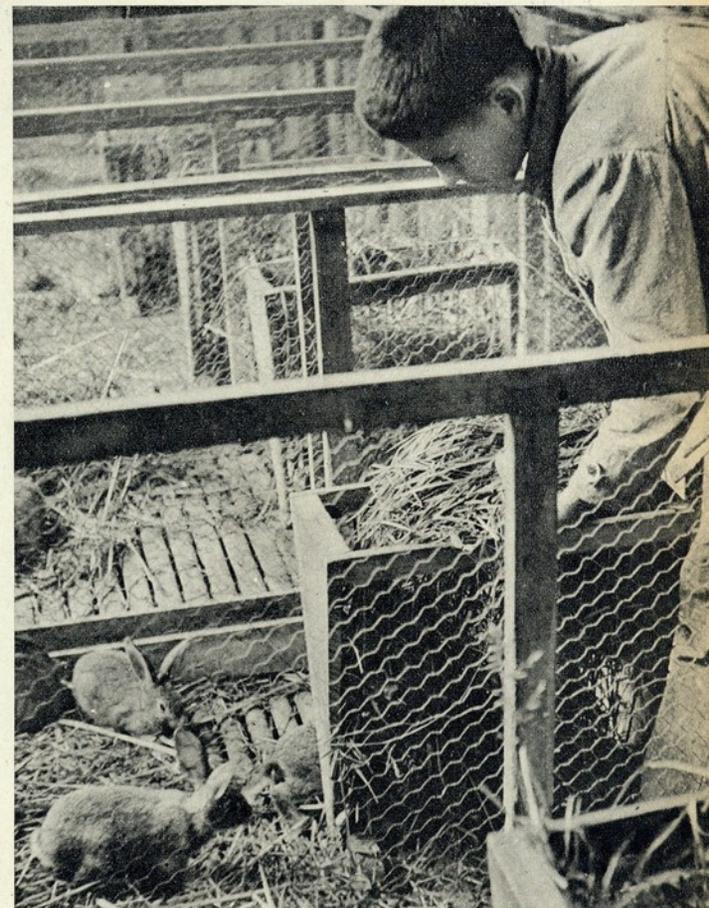
Futuros viticultores. Dois rapazes sulfatam uma esplêndida vinha que promete as mais belas uvas de Portugal



O aluno, com uma máscara de rede e grossas luvas, para se defender dos insectos, aplica à colmeia um pulverizador



Uma côrte moderna, com todos os requisitos da higiene. Esta ninhada de porcos é da afamada raça Yorkshire, inglesa



A cunicultura é uma arte que exige muitos cuidados. Os animais vivem em coelheiras afim de se apurarem as raças

Um desses estabelecimentos, modelar na sua organização, de objectivo patriótico e largo alcance social, é a escola Prática de Agricultura D. Denis, nascida há quasi dois anos, da fusão das Escolas Agricola de Queluz e Profissional da Paiã, que fôra antes escola agricola. Sob o ponto de vista administrativo e disciplinar depende da Junta da Província da Extremadura; quanto ao objectivo pedagógico e sob o aspecto disciplinar, referente ao ensino, está subordinada ao Ministério da Educação. É uma obra notável daquela Junta que justamente se pode orgulhar de tão útil empreendimento.

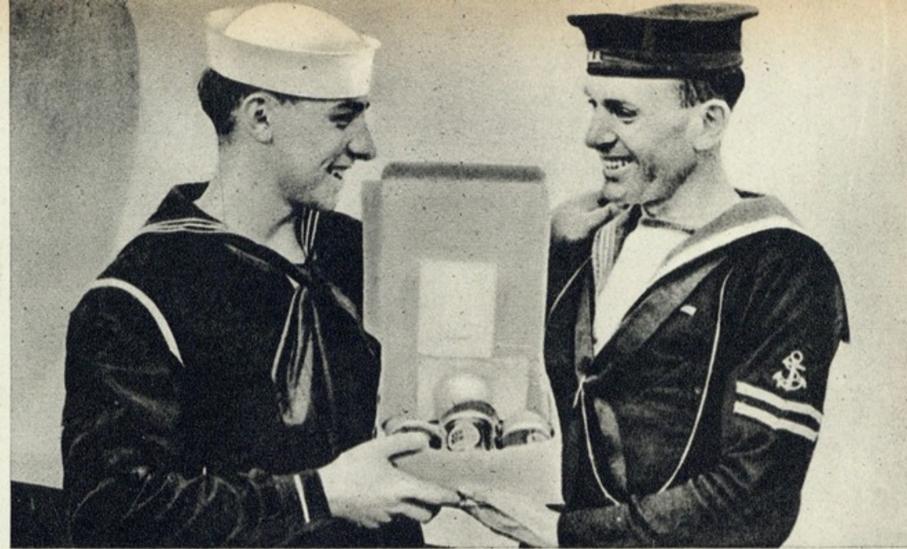
A Escola Prática de Agricultura D. Denis, destinada à formação de feitores e operários agricolas especializados, que possam exercer a função de capataz rural, educa os alunos «de modo a desenvolver-lhes o sentimento nacionalista, tendo em atenção a necessidade de promover o seu bom desenvolvimento fisico, moral e artistico». O objectivo principal é a larga prática de trabalhos no campo. Há duas categorias de alunos: porcionionistas, e pensionistas, vivendo ambos em regime de internato, sem distincção de categorias. In-

cluindo os pupilos da Junta, a população escolar foi fixada em 200 alunos.

O modelar estabelecimento está instalado na Paiã e ocupa várias propriedades, com a área total de mais de 180 hectares. Fica num vale ubérril e compreende edificios e dependências várias, hortas, pomares, olivais, terras irrigáveis, terras de trigo, matos e terras incultas, pinhal, viveiros e campos de experiências. Os alunos, futuros agricoltores, ocupam-se de tôdas as tarefas: desbravam a terra, semeiam, tratam das árvores, estudam-lhes as particularidades, colhem os frutos. Trabalham nas ceifas, nos lagares, cuidam dos animais, dos estábulos, aprendem como se trabalha para ganhar a vida, com o suor do rosto — fazem-se homens úteis à sociedade e ao seu país. Melhor do que uma descrição em pormenor, vos falará a reportagem gráfica, colhida em flagrante na Escola da Paiã, onde os bravos rapazes aprendem a amar a terra, na paz dos campos, entre rumores de árvores e murmúrios de regatos, à luz do Sol glorioso ou ao pálido rubor da alva, quando as estrêlas caem do céu e ficam a arder nas pontas das agulhadas.



O primeiro ministro inglês, mais do que nunca bem disposto, encontra no convés do "Prince of Wales," — Blakie, a mascote do couraçado



Os presentes de Roosevelt aos bravos marinheiros do "Prince of Wales," depois de terem terminado as suas conferências com Churchill. Uma caixa de 200 cigarros a cada, fruta e queijo



O grande acontecimento histórico. Winston Churchill, cumprimenta o presidente dos Estados Unidos, junto do qual está seu filho o capitão Uliott Roosevelt, a bordo do "Prince of Wales,". Duas grandes nações, dois homens, e uma só política



No barco, que o levou ao "Potomac" onde se vai encontrar com o grande chefe da nação americana, Churchill passeia com Beaverbrook

A CONFERÊNCIA DO ATLÂNTICO



A bordo do "Prince of Wales," Sumner Welles, que vai acompanhar Churchill até Roosevelt, deseja-lhe, cordialmente, as boas vindas



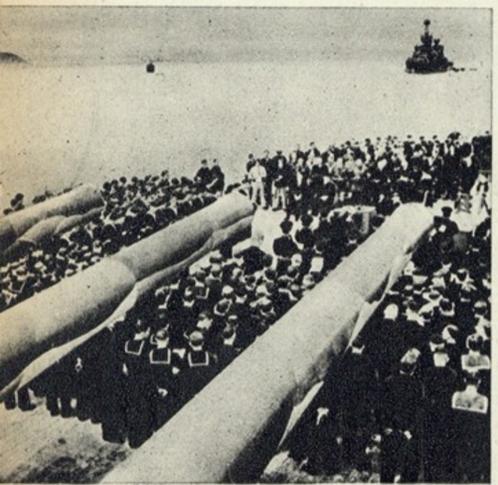
Fixaram-se os famosos oito pontos. É a "Entente Cordiale,". Então, Roosevelt à despedida, diz: — Tenho a honra, sr. Presidente, de lhe entregar uma carta para Sua Magestade! É um momento emocionante, que se reflete no rosto das raras testemunhas do notável acto histórico



Os chefes dos estados maiores americano e inglês, general Marshall, e Sir John Dill, numa importante conferência



Roosevelt e Churchill durante a missa celebrada a bordo. Comunhão suprema de almas e de ideais! Junto deles encontram-se o marechal Freeman, almirante King, general Marshall, Sumner Welles, e Harry Hopkins



Em pleno Atlantico, no convés do "Prince of Wales" os marinheiros ingleses e americanos, simbolicamente reunidos, ouvem missa



Em pleno campo de batalha do Atlantico, os bravos marinheiros americanos, sorrindo de alegria, manifestam a Churchill a sua admiração e o seu entusiasmo



A Inglaterra e os Estados Unidos estão de acôrdo em tôdas as questões políticas e militares. Roosevelt e Churchill são o símbolo da fraternidade viva e indissolúvel dos dois grandes países



Uma rua de Moscovo

NA FRENTE LESTE

As características da batalha Germano-Russa durante as últimas 3 semanas de hostilidades

Completo-se no dia 22 de Agosto o segundo mês desde que se iniciou a campanha da Rússia. Na conferência que o presidente Roosevelt e o Primeiro ministro da Grã Bretanha tiveram no Atlântico foi tratado o auxilio material a prestar àquele país. A Grã Bretanha desistiu, a favor dele, dum parte dos fornecimentos que devia receber das fábricas norte americanas. Esses fornecimentos dizem especialmente respeito a aviões de caça e bombardeamento e a ferramenta diversas.

O aspecto de fornecimento de carburantes à U. R. S. S. foi também encarado na conferência do Atlântico. Em seguimento das resoluções tomadas seguiram para os portos siberianos vários petroleiros russos e americanos carregados de combustível. Ao mesmo tempo o governo britânico acedeu a fazer ao governo soviético um empréstimo no valor de dez milhões de libras.

Durante o encontro Roosevelt-Churchill, segundo o comunicado oficial então publicado, ficou assente o princípio de realização em Moscovo duma conferência triangular com assistência de delegações da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de U. R. S. S. Posteriormente foi escolhida para a sua realização a data de 15 de Setembro. Essa conferência reunirá elementos positivos e técnicos mas o seu principal objectivo consiste em resolver definitivamente o problema dos fornecimentos de material indispensáveis para a continuação da Campanha do Leste.

Explicando as razões que levaram a escolher o meado de Setembro para a conferência de Moscovo, o «Daily Telegraph» noticiou que a escolha se fundamentara em duas razões: 1.º a necessidade de a ela assistir o ministro britânico dos fornecimentos, lord Beaverbrook; 2.º a convicção de que as negociações não dirão respeito à actual fase da campanha mas às operações que é conveniente esperar, a leste, durante a primavera e o verão do ano próximo.

Entretanto a luta tem prosseguido entre alemães e russos, na extensa frente

que se criou entre o Oceano Artico e o Mar Negro.

No Sul da Ucrania uma grande cidade, Odessa, concita, particularmente, o cuidado dos invasores. Trata-se dum porto importante do Mar Negro que embora sensivelmente decaído do seu poderio antigo ainda oferece certo interesse, tanto sob o ponto de vista politico como sob o ponto de vista militar.

Odessa é uma cidade bonita com ruas largas e um panorama reputado. Possui alguns edificios de nomeada na Europa,

como o teatro e a bolsa. As obras do porto, a construção dum aeroporto e a inauguração duma potente estação emissora de T. S. F., realizada recentemente, vieram compensá-la dum longo periodo de decaimento. A sua actividade industrial é apreciável, mas não se encontram instaladas ali quaisquer indústrias de guerra cuja posse venha a aproveitar sensivelmente a qualquer dos beligerantes.

A população tem variado, notavelmente, nos últimos vinte anos. Chegou a atingir a cifra valiosa de 700 mil habitantes. Reduziu-se depois de cerca de metade e actualmente era computada em 500 mil habitantes. Um terço compõe-se de judeus, gregos e romenos atraídos pela sua caracteristica função comercial.

Essa função comercial tornou, durante muitos anos, a cidade de Odessa um centro florecente de trocas e de cultura. A sua universidade, a sua biblioteca, os seus museus e as suas galerias de arte emprestavam-lhe um significado cultural cuja irradiação se estendia a todas as regiões do sul da Rússia.

Durante os acontecimentos de 1905 e quando da revolta a bordo do «Potemkin» os habitantes de Odessa desempenharam um papel de certo relevo. A revolução de 1917 substituiu-lhe outras cidades, na importância politica e na actividade social.

O desenvolvimento excepcional que se registou na cidade, especialmente durante a última guerra do século passado, deveu-se, em grande parte, à colaboração de capitais e técnicos ingleses e franceses. As primeiras obras do porto e a pavimentação das ruas foram superiormente dirigidas por cidadãos britânicos. Só mais tarde a administração russa se substituiu às iniciativas particulares em que os estrangeiros tiveram larga participação.

Faleceu, há pouco, em Londres uma personalidade a quem Odessa muito ficou devendo. Miguel Braikевич, que adquiriu nos meios ingleses certa nomeada como architecto e construtor, administrou durante algum tempo a cidade e introduziu nela melhoramentos que ainda subsistem e se afirmam valiosamente.

Odessa não constitui hoje um objectivo militar ou politico de importância decisiva. Embora a sua situação sobre o Mar Negro, na zona geográfica intermédia entre os cursos do Dniester e do Dnieper deve considerar-se muito vantajosa, está longe de possuir os recursos industriais que justificaram, na primeira fase das operações, o esforço alemão em direcção a Moscovo e a Kiev.



O administrador da lei americana de empréstimo e arrendamento, sr. Harry Hopkins que foi à Rússia como enviado especial do presidente Roosevelt

SENTINELAS DO ATLANTICO!



HEROÍSMO E GLÓRIA AOS MARINHEIROS DA INGLATERRA!

AOS DAS SUAS PODEROSAS ESQUADRAS QUE PATRULHAM TODOS OS MARES E AOS DOS SEUS NAVIOS MERCANTES, QUE, ATRAVÉS DE TODOS OS PERIGOS E DEFENDENDO-SE ADMIRAVELMENTE, CONSEGUIRAM DOMINAR A BATALHA DO ATLANTICO AGORA AUXILIADOS PELAS FORÇAS NAVAIS DOS ESTADOS UNIDOS ● UM EPISÓDIO DESSA LUTA ● PERTO DA COSTA, UM AVIÃO INIMIGO APROXIMA-SE DUM «COMBOIO», PAIRANDO SOBRE ESTE NAVIO ● IMEDIATAMENTE, A SUA TRIPULAÇÃO CORRE A POSTOS ● ENQUANTO O COMANDANTE PROCURA FIXAR A AERONAVE, OS DOIS MARINHEIROS ASSESTAM AS SUAS METRALHADORAS NUMA RAJADA INFERNAL DE FOGO, ABATENDO-A ● O OCEANO ESTÁ LIMPO E MAIS UM COMBOIO CHEGA INCÓLUME À INGLATERRA. A SECULAR RAINHA DOS MARES

FIGURAS E FACTOS



O sr. Presidente do Conselho no entêrro da esposa do professor sr. dr. Serras e Silva, com o sr. dr. Mário Pais e Sousa, Ministro do Interior



A Inglaterra saúda o Chefe do Estado. O sr. Presidente da República, a bordo do «Carvalho Araújo» observando as salvas de honra do «Renown»
(Cliché do distinto operador cinematográfico Manuel I. Vieira)



A inauguração do monumento a Stephens, a que assistiram as figuras mais importantes do distrito de Leiria



O sr. dr. Oliveira Salazar com o sub-secretário do estado da guerra, capitão Mário Costa, passa revista, no Terreiro do Paço, a um novo contingente de tropas que seguiu para os Açores



O sr. engenheiro Calazans discursando depois da inauguração do monumento a Stephens



Sir Charles Noel, ministro da Inglaterra em Portugal, com sua esposa, que foi agora nomeado embaixador no Brasil



O Ministro brasileiro Eduardo Espinola, saúda a embaixada especial de Portugal, na pessoa do sr. dr. Júlio Dantas

FOGO!



Não é só a Inglaterra que está em armas, mas todo o Império. Um posto de observação de artilharia, no Canadá, que domina a costa americana do Atlântico



A culatra de um dos famosos canhões denominados "John Bul", maravilha de técnica industrial inglesa



O admirável dorso de aço de um canhão de grande calibre na costa inglesa, cuja pupila implacável vigia a Mancha

A Inglaterra fala pela boca dos seus canhões. Uma boa "salva", e o inimigo, do outro lado da Mancha, emudeceu



A vida a bordo do «Ingham» é muito boa quando não está à vista uma cidade tão linda e deslumbrante como Lisboa. Fósforos portugueses acendem um loiro e perfumado cigarro americano em que se volatiliza a saúde da Broadway



Imagens de Nova York. Arranha-céus... Sorrisos de ouro... Avídes... Dólares... Lisboa encanta e eles esquecem tudo

OS MARINHEIROS AMERICANOS EM LISBOA

PARECE incrível — mas há cábulas até para esta «Aula-das-Ruas Lisboetas», a mais arejada e luminosa de todas as aulas e, sem dúvida, a que mais pródigoamente distribui recreios aos alunos estudiosos (como quem diz: observadores e apaixonados).

Parece incrível — mas conta desatentos discípulos a Aula-das-Ruas, garrida quermesse de formigas e cigarras, borboletas e zangãos...

Exemplo dos fenômenos a pedirem barraca: o autor dum livro que, após clangores de trombeta, na primeira página, a destemper quantas eventualidades graves pairam no mundo, — apita pela polícia urbana, logo na página dois com medo de passar na Baixa, onde, geme o pobre herói, há mulheres que o fitam e ameaçam, provocantes, tenebrosas!

Mantendo o «simile» das nossas ruas com os colégios, — este e os mais como êle deverão passar ao ensino doméstico, uma vez que é tarde para se lhes pôem à prova os brios, fazendo-os remar nas galeras de el-rei ou metendo-lhes na mão montantes de Galaaz. Enquanto assim se revelam escandalisáveis e mortícios alguns «internos», — a Aula-das-Ruas (a instrutiva e delectosa quermesse pintada pelo arco-íris nos vestidos, nos lábios e nas unhas das mulheres, nos toldos das esplanadas, nos tons dos arbustos e das fa-

chadas e nas cores dos refrescos) conta aplicados «externos» que a estudam e saboreiam e no seu ameno programa colhem distinções, por satisfazerem cabalmente quanto a Cidade lhes exige, para os adoptar:

- Saberem sorrir.
- Saberem rir, mesmo.
- Ensinares o sorriso e a gargalhada às melancólicas raparigas de que o tal indivíduo tem medo.
- Notarem que o sol é alegre e o céu, embora muito azul, não tem nada com a cor do céu...

- Demonstrarem que pode existir amor sem lágrimas ou fadinhos.

- Que há uma «instituição levemente afectiva» chamada camaradagem.

- Que, afinal de contas, — para contrariar os nossos tropeiros primários — saúde é palavra bem traduzível, até por quem faz desporto.

E mais noções — e rectificações — deste género.

Ora, — desde que pisaram os cais de desembarque, galhardos e sádios, altos e corpulentos, — os marinheiros americanos súbito ficaram querendo bem à Luz-Mestra do céu *alfacinha* e bemqueridos das «pedrinhas de basalto cá da Rua» como se cantava na Marcha...

Avenidas e bars adoptaram-nos logo. Cafés de cegos musicos e clubes nocturnos viram mocidades sacudir-lhes a modorra, árvores de jardins tiveram a quem dar sombra; tabacarias bem fornecidas venderam mais tabaco loiro — da cor dos seus cabelos ou da cerveja «fresca e viva», no dizer dos anúncios.

Rápidos e ginasticados, — bem «à yankee»... logo se guindaram de escolares a mestres-de-alacridade na Escola da Rua.

Sorriram — às Pequenas e à Vida.

Riram — ao Sol e aos Pre-gões.

Acamaradaram com o Povo e o Casario.

Sentiram, na epiderme e na alma, o encanto de Lisboa.

Deitaram milho às pombas do Carmo e do Rossio; dançaram em Verbenas populares; comeram arroz-doce, em pires na Praça da Figueira, em noite de Santo António; compraram mangleiros... — ficaram sendo *dos nossos!*

... E até um, consoante os jornais contaram, deixou viúva uma linda vendeira de fruta — ou de flores — que se chama Violeta e tem todo o resto da vida perfumado pela saúde dum aberto e franco sorriso e dum abraço que a morte, invejosa, cedo desprende...

Rodrigo de Mello

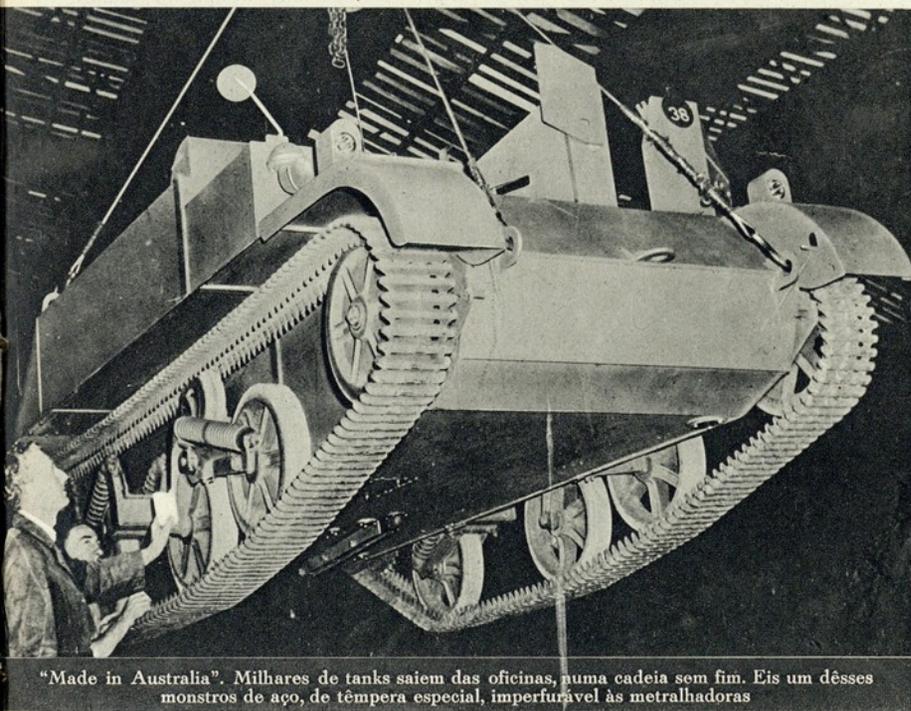
A BATALHA DO MATERIAL



O Canadá é, depois dos Estados Unidos, o primeiro arsenal da Inglaterra. Numa fábrica de Montreal, estes parabolóides de aço, que são bombas de avião, vão ser carregados de explosivos



O grande exército feminino da Inglaterra ocupa, na sua maior parte, as fábricas de munições. Uma linda rapariga trabalhando em acessórios de tanks



"Made in Australia". Milhares de tanks saem das oficinas, numa cadeia sem fim. Eis um desses monstros de aço, de tempera especial, imperturável às metralhadoras

TODAS as guerras encerram uma lição, mas a desta é mais eloqüente. No século da velocidade, a guerra seria, forçosamente, veloz — pelo menos no espaço. De estática tornou-se dinâmica; a luta de posição deu lugar à luta de movimento. É o movimento é tanto mais eficaz quanto o forem os meios por que se obtém.

Cresceram as frentes e alargaram-se os campos de batalha. A quantidade de projectéis por unidade de tempo deve ser tão grande quanto possível. Já não há lugar para as armas semi-automáticas. Os alcances têm que ampliar-se. É o problema da quantidade e da qualidade em eção. É, o da velocidade. Veículos aéreos, terrestres e navais cada vez mais rápidos. Comunicações asseguradas. Produção defendida. A batalha do material!

A Inglaterra encarou o problema de frente, sem hesitações, conseguindo a organização industrial mais perfeita de todo o mundo. Todo o Império é uma fábrica a produzir dia e noite, num ritmo acelerado inigualável. Lord Beaverbrook deu à Gran-Bretanha o mundo de aviões que ela carecia para a conquista de soberania aérea na Europa. Agora é a campanha do «tank». Cada vez mais blindados!

Bevin, levando a mulher às oficinas libertou os homens em idade militar, ampliando fantásticamente os efectivos em pé de guerra. As vagas de material são cada vez mais alterosas e inundam, incessantemente, as ilhas britânicas.

Para que falar do inesgotável arsenal americano e da eficiência do seu auxilio?

No meio do Atlântico — onde se duvidava da soberania da esquadra britânica — dois homens apertaram vigorosamente as mãos. Desde esse momento ficou decidida a sorte da batalha do material.



Um impressionante exercício de assalto a um fortim "inimigo" na Líbia, que estava poderosamente artilhado. Contra os gases, o fogo e o fumo, a infantaria avança numa carga temerária. O exército imperial do Próximo Oriente, que tantas provas de heroísmo tem dado, gravou, com a resistência de Tobruk, uma legenda imperecível de glória



Na batalha do Atlântico fazem-se, constantemente, prisioneiros. Um oficial da armada alemã, de alta patente, desembarca numa estação londrina



Londres — frente de guerra. — Um famoso "tank", Valentine atravessa Leicester Square por entre a curiosidade risonha da multidão que acorre em massa a ver os novos blindados ingleses



O poderoso exército inglês, dotado com o mais moderno material bélico, treina-se constantemente. Uma patrulha de reconhecimento faz explodir uma "mina," inimiga



A "cavalaria motorizada," inglesa é excelente. Não conhece obstáculos. Eis um destacamento de motociclistas num reconhecimento que atravessa, em relâmpago, uma região da Irlanda do Norte



A esquadra inglesa, que patrulha o Oceano Glacial Artico, estabeleceu agora ligação com as forças navais russas. Um destroyer britânico dirige-se a Murmansk



Milhares de aviadores canadenses prestam serviço na Royal Air Force. A bordo dum Wellington, sobre território inimigo. Vai começar o bombardeamento dos objectivos no coração da Alemanha

Página Feminina

de AURORA JARDIM



CONJUNTO DE VERÃO

Saia-corselet, blusa às riscas e casaco solto, aos quadrados. Verde, preto e branco

Um homem bem calçado já tem andado meio caminho na estrada da elegância.

Resta a gravata — isto é, resta a fantasia. Neste capítulo todas as liberdades se admitem, desde que estejam em harmonia não só com o bom senso mas com todas as outras tonalidades do conjunto.

E o que é a gravata, afinal?

A única maneira que o homem tem de mostrar com um pedaço de policromo tecido que não é nem monótono, nem enosso, nem falho de imaginação. A pitadinha de sal indispensável e requintada.

Quartos de crianças

O despontar do sol. Luz e alegria. A criança precisa dum mundo à altura da sua mão, portanto, os seus móveis devem ser baixinhos e os bonecos devem estar sempre prontos para o seu capricho.

É incompreensível a atitude de certos pais: fecharem na vitrine dos brinquedos o urso Pantalão, confidente de todas as alegrias e todas as penas ou então levarem horas ajoelhados no chão a brincar com o combóio eléctrico, dando como pretexto entreter o petiz mas sem permitir que êle lhe toque «para não escangalhar»...

As paredes devem ser pintadas com tinta a água, pois pode haver uns dedos, menos pulcros ou uma nódoa de compota que é preciso fazer desaparecer rapidamente. No leito, cretone florida, motivo que se repete nas janelas e nos poufs.

A mesa e as cadeiras parecem ter sido feitas para os sete anõezinhos da Branca-de-Neve e a cômoda, a secretária, o guarda-vestidos não devem ter ângulos: arredondados, evitarão muita nódoa negra ao proprietário mais ou menos cambaleante ou estouvado.

Nada de bibelots de gente crescida: muita bicharia, de peluche ou feltro, bonecas, navios, automóveis, pássaros, etc. Tudo harmonioso — a criança é humorista, gosta de coisas engraçadas mas detesta, porque recebe, o grotesco. Mesmo deve-se-lhe educar o senso estético e não horrorisá-la.

Côres claras, suaves, nada de gritante. Rosa, azul, verde pastel.

Decorações nas paredes? Sim, em friso ou em quadros, relembrando fábulas ou histórias cujos heróis serão postos em relêvo.

A *murseiy* é a primeira paisagem que a criança contempla. Pela vida fóra, há-de muitas vezes recordá-la com saúde. Nunca a esquecerá.

Deite fóra a obsessão

Esse amor quebrou-se, não foi? E' doloroso, mas acontece.

Do que precisa, agora, é de evitar pensar nêle, fugir de tudo que lho lembre — deitar fora a obsessão. Para o conseguir oiça o que lhe digo.

— Nunca mais se prenda à música que adoravam ouvir ou dançar. Feche o rádio.

— Rasgue todas as cartas, o retrato, as recordações — tudo.

— Ao principio, sentirá um baque forte quando ouvir pronunciar o seu nome. Habitue-se a dizê-lo muitas vezes, sôzinha. Ao fim de trinta vezes, está farta, ao fim de cem, parecer-lhe-á o dum indiferente.

— Deite-se tarde depois de ter ido ao teatro ou cinema, mesmo sem vontade. Ou então ande: a marcha fadiga e afasta a insônia.

— Dê inecções para se fortalecer. Vá comer fora com pessoas amigas.

— Fuja dos neurastênicos, dos tristes.

— Leia livros de viagens e romances policiais. Nada de amor.

— Não lhe escreva cartas que não mandará e não imagine o que lhe diria se o visse e se... e se... Faça de conta que morreu e está enterrado. Vá mesmo ao cemitério para se auto-sugestionar.

— Seja garrida. Mandê fazer mais vestidos e chapéus do que nunca. Olhe para o espelho e oiça o que lhe diz.

— Nunca mais use o perfume que êle preferia. Mude também de penteado.

— Repare... Viu? É claro que há outros homens que a acham bonita. A vida começa não amanhã, mas hoje.

A Moda Masculina

Não sei se foi Brummel que disse (mas podia ter sido) que o homem verdadeiramente tem gosto, parece que passa despercebido — mas não passa.

A sobriedade é a primeira qualidade do trajar masculino; felizmente que estamos longe daquela colecção de fatos onde apareciam os casacos cõr de enxofre, chuva de rosas, peito de rôla e «couleur, désespoir d'opale»...

Ora de que cõr se usam hoje as plúgas? — azul, vermelho escuro e cinzento. A beira é elástica para evitar as ligas.

A roupa interior é cada vez mais curta — o slip e a camisa por cima. Esta tem o punho apertado, fechando com um botão.

O cinto está sendo condenado por muitos médicos, de modo que é substituído pelos antigos suspensórios que serão então muito fininhos, tendo a forma de tranças ou serpentes.

O fato deve ter a cõr do fim a que é destinado. Para o *week-end*, será claro; para de tarde, escuro.

O chapéu volta assim que o outono chegar. A maneira de ter um chapéu que fique bem é fazê-lo por medida. Cinzento, cõr de canela, café com leite, preto.

Certo dia, um pasteleiro da City, para se divertir, colou um pedaço de seda preta num canudo de cartão e saiu com êle para o meio da rua. Foi vaiado. Passado tempo, os chapeleiros copiaram a sua «criação» e o chapéu alto surgiu. Era de felpuda peluche cinzenta, beije e preta. Passou de moda e deitou-se fora. Hoje, volta a ser o chapéu de cerimônia.

As luvas claras, de verão, cõr de manteiga ou de camêlo, são um sinal de optimismo.



«Meias» pintadas nas pernas, a última moda da guerra da mulher inglesa. São mais económicas do que as outras porque costum, apenas, três cinzeiras e não caem as melhas

Sport



A educação física do soldado inglês é excelente. Tripulações de carros de assalto fazendo ginástica, numa parada admirável de atletismo

A ginástica na preparação pré-militar

A ginástica é hoje uma necessidade imperiosa da educação e formação da mocidade; não obstante não possuir em todos os países, e particularmente entre nós, o carácter de generalização. É certo que nos liceus, nos colégios, nas escolas oficiais e, até, nos quartéis temos já aulas ou esboços que, não sendo totalmente prometedoras, denunciam no entanto o reconhecimento de consagrar aos exercícios ginásticos a melhor atenção. Recentemente, com essa excelente organização que é a "Mocidade Portuguesa e, depois, com a simpática iniciativa da F. N. A. T., de constituir uma secção de Educação Física e Desportos, a ginástica formativa alcançou gerais simpatias e, possivelmente, entrou-se numa fase de expansão que nos assegura o maior esplendor a este magno problema da vida portuguesa. As paradas ginásticas da Mocidade e o recente festival da F. N. A. T. constituiram realmente verdadeiras promessas e, ao mesmo tempo, admirável demonstração da nossa capacidade para igualar quanto se fez nos países mais progressivos em matéria de educação física e especialmente na ginástica.

Nunca é pouco tudo quanto se faça para imprimir o maior desenvolvimento do ensino da ginástica e do gosto popular

por esses exercícios que, sendo altamente recreativos, constituem um meio admirável de formação e desenvolvimento físico.

Não é exagêro dizer-se que em quasi todos os países a ginástica e a educação física são vistas com particular atenção, acarinhadas e estimuladas pelas entidades oficiais e dum modo geral, constituem não já um dever perante a nação, à maneira grega, mas uma preocupação de todos aqueles que têm de velar pela saúde física do povo — e pela sua preparação militar.

Os americanos e os ingleses, sobretudo, têm verdadeira paixão pela ginástica e pelos exercícios físicos e, a tal ponto que, por vezes, se apelida de "educação à inglesa", aquela educação que assenta no culto incessante do vigor e da integridade da máquina humana. Ou, por outra, a educação inglesa é essencialmente desportiva. Cada inglês é um desportista. Não há inglês, novo ou velho, rico ou pobre, desde o rei-imperador — o sportsman n.º 1 — ao rapaz das docas que não se dedique à ginástica e ao desporto.

A ginástica é a base do desporto e começa, por assim dizer, logo com a criança a andar, e cresce, e desenvolve-se, e desdobra-se noutras formas de actividades em que os jogos e os desportos ocupam, na

altura própria e com as devidas reservas, um lugar importante. Na preparação pré-mili-

tar, são ainda a ginástica e os desportos a base de tudo, para que em primeiro lugar o soldado inglês seja forte, valente e são. A primeira concentração dos voluntários e dos novos recrutas, no começo desta guerra, foi e continua sendo os parques de ginástica, os campos de jogos, os estádios públicos, para elevar ao máximo o potencial humano. Antes de tudo bons atletas, sabiamente preparados e adestrados para o esforço exigido na defesa do Império.

Se o labor nas fábricas, nas docas, nos arsenais multiplicou em proporções quasi fabulosas; se a actividade nos dispositivos e meios de defesa tomou aspectos surpreendentes; se o ritmo do trabalho, da vida e do combate ganharam expressão que deslumbrou o mundo, a preparação física, através da ginástica e dos desportos não foi inferior e nela repousa em grande parte o segredo da maravilhosa vitalidade do Império britânico, do seu incomparável espírito de sacrificio e de heroísmo, da sua indomável energia com que se mantém e prossegue na luta.

F. O.

UMA
MÁQUINA
DE BARBEAR
'ECONÓMICA'

Terá de procurar muito, antes de encontrar uma máquina de barbear mais eficiente que a Gillette 25 — mesmo por preço mais alto. Este estojo contém uma máquina Gillette e três famosas laminas azuis, numa caixa higiénica e cómoda. É de grande utilidade para os homens que gostam de barbas bem feitas e económicas.

ESC. 15\$00

75. R. da Conceição, 1.º
LISBOA



GILLETTE 25

O ANÚNCIO

NOVELA DE ARLETE LOPES NAVARRO

A D. Alzira persistia na idea fixa que não a abandonava desde que o marido retomara a sua attitude hostil.

— Não posso manter esta situação, D. Cecilia. Resolvi afastar-me. Talvez esta minha resolução traga tranqüillidade ao meu espirito e sossêgo às minhas filhas. As permanentes discussões indisciplinam-nas. Não me obedecem. Procedem consoante a determinação da sua vontade absoluta e irreflectida.

— Mas... tente uma reconciliação.

Então, D. Cecilia sugeriu. — Vou pôr um anúncio. Dê licença que as respostas venham para a sua casa. Não quero que as minhas filhas conheçam o meu plano por enquanto. Podem destruí-lo. Principalmente a Maria Luísa com os seus conselhos de prudência e resignação.

A D. Cecilia condescendeu. Era preciso que os acontecimentos demonstrassem à transviada o melhor caminho a seguir. Confiava na possibilidade do acaso, que tudo tão bem dispõe, quando quer. Nessa mesma tarde a Maria Luísa muito chorosa confessava à confidente de sua mãe, o seu recio pelo desmoronamento do lar.

Das seis filhas era esta a

mais velha. Conhecera os cuidados e ternuras que oferecem o coração bondoso dos pais, ao seu primeiro filho. Vieram depois as irmãs. Foram como bonecas que lhe ofereciam para brincar. E esses brinquedos de maquinismo humano, transformando-se no decorrer dos anos, aperfeiçoaram o seu fisico e a sua maldade!

O ambiente de hostilidade envolvia uma a uma, apossava-se delas irremediavelmente. Até a própria mãe vivia já a vida de malquerença, que a sua falta de austeridade precisa e imprescindível, não soubera evitar.

Casara muito nova, fazendo da vida e do lar uma concepção errada. Julgara libertar-se do jugo da familia, que a acolhera assim que ficara orfã, casando. E ao constatar a sua prisão nos laços fortes que a responsabilidade criara, revoltara-se. E, nunca, no decorrer daqueles vinte e dois anos, sentira desprender-se a pesada corrente, a que o seu espirito revelado se sentia agrihoado.

Maria Luísa via a ameaça da ruína pairar sobre o seu lar. O proceder indisciplinado das irmãs, a agressão bárbara das palavras do pai e as irreflectidas ameaças da mãe, assim o faziam prever.



Em vão a rapariga tentava escapar-se àquela terrível influência. Mas como o conseguir? Só no casamento encontraria o refúgio, o sossêgo e amizade que carecia.

Tivera dois namoros! Neles concentrara toda a sua esperança. Esperança perdida ao constatar a impossibilidade da construção desse lar idealizado!

O primeiro, rapaz novo e educado, formado em matemática, dependendo da mãe, que exercia pelo dinheiro e pela situação ascendente que a falta de colocação do rapaz, lhe criara, acobardou-se à sua opposição formal ao namoro.

Uma rapariga pobre, quasi inculta, pertencendo àquella familia indisciplinada, olhada por todos com reprovação, não se uniria pelo casamento ao seu filho.

E o sonho desfez-se! Voltou à realidade acobardada com o ruir da felicidade que idealizara.

E assim foi vivendo esses meses vãos de acontecimentos, que a prendessem a qualquer interesse. Mas um dia voltou a Sonhar!

Era agora um engenheiro! Rapaz de trinta e três anos, vivendo a vida que a liberdade e o dinheiro concedem.

Mas esse desvaneceu-se também:

Durante dois dias apareceram várias cartas e até pessoas, reclamando o serviço de governante, anunciado por D. Alzira no jornal.

Maria Luísa falava com D. Cecilia quando bateram à porta. E foi mesmo a rapariga que a foi abrir.

No limiar aparecia um rapaz novo e simpático.

— Mora aqui a pessoa que pôs o anúncio?

— Deve estar enganado — respondeu atrapalhada D. Cecilia.

Como o caso exigia, mandou entrar o rapaz que expôs o seu desejo de arranjar uma dama de companhia para a sua mãe residente em Africa.

— A anunciante já arranjou colocação. Era para uma senhora minha amiga. O senhor vem já tarde.

— Supus que fosse esta menina. — declarou o rapaz sorridente. — Confesso o meu pesar ao ver o meu engano.

— Euf Não!... Tenho familia, pais, irmãos. Não sou eu felizmente.

— «Felizmente», porquê? — Interrogou não desfitando o rosto da rapariga, com quem simpatisara.

O olhar do visitante seduzia-a fascinava-a. Sentia certa alegria com a sua presença.

«Felizmente» porquê? — voltou a interrogar.

Como obedecendo à vontade do rapaz corrigiu:

— Mudo essa palavra por «infelizmente»

A voz dele elevou-se suave e meiga na nova pergunta. «Infelizmente», porquê?

Tomado duma resolução súbita, como todo o seu destino dependesse duma frase confessou:

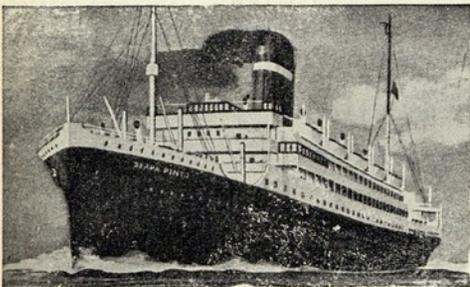
— Infelizmente não sou a anunciante porque se o fosse aceitaria o lugar sem hesitação. Daria a sua mãe toda a ternura do meu coração, em troca dum pouco de amizade e dum pouco de tranqüillidade.

— Dentro de dois meses regresso a Africa onde os negócios reclamam a minha presença. Vim à Metrópole a exigência dos mesmos. A senhora parte no primeiro paquete.

Maria Luísa não partiu no primeiro paquete para Africa, mas sim dois meses depois, com o marido, onde ia conhecer uma vida de felicidade. Viver um sonho lindo do qual nunca mais despertaria.

OS PAQUETES

da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPÁ PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

«Serpá Pinto» 8.267 T.
«Mouzinho» 8.374 »
«Colonial» 8.309 »
«João Belo» 7.540 »
«Guiné» 3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel» 7.300 T.
«Pungue» 6.290 »
«Malange» 5.050 »
«Lobito» 4.200 »
«Sena» 1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

CRONICA ALEGRE

O PROBLEMA DO SOARES

A estatística chega a constituir para espíritos metódicos uma paixão obscane não direi tão violenta como a que prendeu Marco Aurélio aos braços de Cleópatra, nem tão fatal como a que ligou no mesmo trágico destino Romeu e Julieta, nem tão familiar como a de Jerônimo Martins & Filhos, mas muitíssimo forte e tão viva que pessoas há que não dão um passo na vida sem recorrerem às estatísticas. Por exemplo no capítulo de bebidas, problema actual para todos os seres viventes que não sejam coelhos, nem peixes. O Soares, o Francisco Xavier Soares, estudou a fundo o problema. E chegou a terríficas conclusões...

Porcentagem de mortes provocadas directamente pelo alcohol, 7,5 % e indirectamente, 64,05 %. Em face disto, de uma prova tão concludente, pensam V. Ex.^{as} que o Medeiros se resolveu pela água?... Nada. Isso fariam V. Ex.^{as} ou eu. Para alguma coisa existem as estatísticas. E o Soares no capítulo das águas consultou as estatísticas. Na primeira coluna. Mortes provocadas por doenças infecciosas. 2.^a linha à direita, § 3.^o, lá estava: Mortes provocadas por tifo, atribuídas a águas 4,3 %.

O Soares à cautela prefere sempre a água de Vidago cortada com vinho e aos banhos na praia os aferidos pelo contador da Companhia das Águas. Andá sempre em terra, nunca foi a Cacilhas nem quis casa que tivesse poço no quintal. Mas a estatística que tão fortemente tinha orientado o Soares, têm-o agora trazido macambúzo, preocupado, todo entregue a complicados algarismos e trágicas previsões. Mesmo agora só o ramo dedicado às frutas e às oscilações do seu comércio o preocupa e aflige. Tem um estudo completo, sobre toda a casta de frutas, divididas em capítulos, os capítulos em secções, as secções, em parágrafos, os parágrafos em números e os números em alíneas. E não há maneira de lhe arrancar uma palavra, nem uma opinião que ele não encaixe imediatamente no problema das frutas... Viste a notícia do incêndio de Leiria? E o Soares, logo, a propósito de Leiria, sabes quanto custa uma dúzia de pécegos carecas de Leiria?... Vinte e cinco escudos... Nem que tivesse barbas e chinó... os tais pécegos... Sabes quanto custava um cento deles em 1900?... Quatro tostões... E em 1920... Apenas dois escudos o quarteirão... E observadas as tendências gerais do mercado a dúzia de dez pécegos, custará, dentro de cinco anos, 90\$00 100, 500\$00... Exageras, Soares amigo! Exagero... Então olha o que se passa com as bananas... Primeiro vendiam-se aos cachos... Depois às pencas, ainda às dúzias, agora aos quilos e a tendência do mercado é para se venderem às gramas... Não te exaltes... Não me exalto, tu queres que eu não me exalte, homem de Deus... Então escuta a minha incensurável tragédia...

Em 1920 casei-me com a Leonor, filha de D. Eufrasina e não estou arrependido nem pela filha, o que é muito boa; nem pela mãe, o que é raro. Ora a minha sogra tinha a balda de se alimentar a frutas e além de balda tem prédios de rendimento na Avenida.

Há coisa de dois anos, eu que nestas questões de dinheiro sou um homem verdadeiramente superior, comecei a insinuar a pobre senhora, que talvez não lhe fôsse mau comer um bife moído, uma canginha apurada, uma asa de frango, claro a entremar com as frutas.

Minha sogra declarou-me que eu a queria matar. Separou-se de nós. Foi viver para uma das suas casas. Meteu duas criadas. E como não se importa só com a sua saúde mas também com a dos que a servem regulou tudo pelo regime sadio dos templos bíblicos e africanos: tudo a pão e laranjas, ou a pêras, morangos e bananas que vêm a dar na mesma. Tu compreendes, duas criadas de Trás-os-Montes, a pécegos carecas... A melão do Emilio Infante... Já se foram em dois anos, dois prédios da Avenida... E vai o terceiro... Não tenhas dúvidas...

JOSÉ MERCADOR

HERMES



A máquina de escrever
mais portátil do mundo!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46. L. E-Telefone 2 1672. LISBOA

NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., LARGO S. Domingos 50 e Filial, Rua dos Clérigos 8. Telefones 235 e 2352. PORTO

WINSTON CHURCHILL

(Continuação da pág. 11)

meira à última página, com o maior prazer.

De Gibbon passei a Macaulay. Aprendera os «Cantos da antiga Roma» de cór. Gostava muito deles. Sabia que o mesmo autor escrevera também uma história, mas nunca a tinha lido. Comecei apaixonadamente a sua leitura. Lembrei-me que o cunhado de M.me Everest, o carcereiro, comprara uma edição popular de Macaulay e que falava sempre deste autor com o maior respeito. Por mim aceitava tudo o que Macaulay escrevera como a própria palavra do Evangelho. Mas as suas apreciações severas sobre o duque de Marlborough penalizaram-me. Não tinha junto de mim ninguém para me prevenir que esse historiador, apesar do seu estilo admirável e da segurança com que escrevia, se deixava às vezes arrastar por uma imaginação que se sobrepunha à verdade e que diminuía ou glorificava os grandes homens ao sabor das suas paixões preparando os documentos que justificavam o que dizia. Não lhe perdoo hoje a ousadia de atraiçoar a minha confiança e, o que é mais importante, de atraiçoar a confiança do meu velho amigo o carcereiro. Mas reconheço que, em muitos assuntos, a sua leitura foi para mim de grande proveito.

Os seus ensaios sobre Chatham, Frederico, o Grande, Clive, Warren Hastings, Barère, os colóquios de Southey sobre a sociedade, sobretudo essa obra prima a virtuosidade literária, os poemas de Robert Montgomery, encantam-me tanto como a sua história.

De novembro a maio li quatro a cinco horas por dia, obras de história e de filosofia: «A República», de Platão, «A política» de Aristoteles, «Schopenhauer e o pessimismo», «Malthus e a população», «A origem das Espécies», de Darwin e outras obras de menos valor que completaram uma educação curiosa. Curiosa porque eu a iniciei comum espírito sedento e um par de maxilas sólidas que me permitiam engulir tudo o que me vinha à mão e também porque, junto de mim, não havia ninguém para me dizer: «Isto está refutado, debes ler a resposta a esta obra; aquilo é um trabalho exaustivo sobre a matéria, etc.»

Pela primeira vez comecei a invejar os rapazes das universidades que tinham pessoas habilitadas para os instruir, professores cuja existência fôra consagrada ao estudo e que possuíam ideias seguras em todos os ramos do saber, tendo a missão de espalhar, antes de morrer, os tesouros que haviam podido acumular.

Agora lastimo esses estudantes quando considero a vida frívola que levam, no meio das possibilidades preciosas que se oferecem à sua actividade. A vida dum homem deve ser consagrada ao pensamento ou à acção. Sem trabalho não há prazer possível.

Novo Pó de Arroz Aerizado

Surpreendente descoberta dum químico Parisiense Especialista de beleza

Um pó de arroz tão fino e tão leve que flutua no ar! Tal é a surpreendente criação dum químico parisiense.



É por isso que o novo Pó Tokalon assenta tão regular e uniformemente, recobrando a pele dum fino veu de beleza quasi invisível. Dêle resulta uma beleza de aparência perfeitamente natural. Muito diferente, no seu efeito dos pós pesados e fora de moda que não dão senão uma aparência de caracterização, o Novo Pó Tokalon contém mousse de creme que o faz aderir à pele durante 8 horas. Mesmo num restaurante excessivamente aquecido, nunca o seu rosto necessitará de retoque se empregar o Novo Pó Tokalon. No final duma longa noite de dança a sua tez ainda continuará fresca e sem aspecto lúcido.

A venda nos bons estabelecimentos. Preço 4\$50, 8\$00 e 12\$00 nas perfumarias e bons cabeleiros.

CASA QUEY

Antigo «AS» DAS MEIAS

Especialidade de meias

MAISON FRANÇAISE

R. SERPA PINTO, 16 — (CAVE)

A FORTALEZA DO ORIENTE



O marechal Sir Robert Brooke-Popham, comandante em chefe das forças imperiais de Singapura

«Encontrei um lugar que para a Inglaterra tem mais valor do que um continente». Foi esta a afirmação feita há mais de cem anos por Sir Stamford Raffles, quando quiz justificar perante o cepticismo do Parlamento e do público britânicos a anexação pela Gran-Bretanha da pantanosa ilha de Singapura, onde as febres grassavam.

As suas palavras são agora verdadeiras. Hoje Singapura é o centro duma teia gigantes-

ca de posições defensivas britânicas alastrando sobre porções de terra e do oceano cuja extensão é a de um continente.

A ilha de tamanho aproximadamente igual ao da ilha de Man, está situada junto à extremidade da península de Malaca e apenas o estreito de Johore, da largura de uma milha, a separa do continente. Singapura é a Gibraltar do Oriente e, como ela, é uma das cidadelas do mundo mais fortificadas e mais cuidadosamente defendidas.

Os navios britânicos que estabelecem a sua base em Singapura mantêm a liberdade do Pacífico do Sul, do Oceano Índico e das águas da Austrália.

As esquadilhas aéreas ali estabelecidas abrangem no seu raio de acção e dominam uma área igual à da Europa inteira. Calcutá (a 1630 milhas), Hong-Kong (a 1440 milhas) e Port Darwin (a 1900 milhas) abrigam-se sob a sua influência protectora. E' este o continente que Stamford Raffles previa quando teimava em que Singapura devia ser britânica.

Com toda a sua força potencial, Singapura é fundamentalmente uma posição defensiva. Não constitue uma ameaça para o Japão, tam afastado dela como os Estados Unidos de Gibraltar; mas é um formidável obstáculo militar aos

designios japoneses no Pacífico do Sul.

Podem cortar o Japão do mundo ocidental, pois toda a navegação entre a Europa e o Extremo Oriente tem de passar pelo gargalo de Singapura. As únicas rotas de recurso seriam as que passam pela aglomeração de ilhas das Indias Orientais, por águas difíceis e perigosas, e sempre sob a ameaça de emboscadas navais.

As forças navais britânicas de Singapura estão admiravelmente colocadas para impedir a entrada de esquadras hostis no Oceano Índico ou para se interpor a tentativas contra Borneo, Indias Orientais Holandesas ou Australia.

Nos últimos cem anos foram eliminados os pantanos da ilha de Singapura e na sua costa sul desenvolveu-se um florescente porto cosmopolita.

Depois da última guerra gastaram-se vinte milhões de libras na construção de uma grande base naval que ocupa quatro milhas de extensão na costa norte da ilha, sobre o estreito de Johore. Nesta base naval podem abrigar-se e ser reparados os maiores navios de guerra; anteriormente à sua construção os grandes estaleiros mais próximos eram os de Malta, a 6.000 milhas de distância.

O próprio estreito de Johore é um ancoradouro ideal onde poderia abrigar-se metade da esquadra inglesa. A nova base naval na qual, se necessário fôsse, pode abastecer-se e reparar-se uma esquadra de batalha, abriu a marinha de guerra uma vasta zona vital do Oceano Pacifico, até agora fechada aos maiores navios de guerra britânicos por falta de ancoradouros.

A base aérea adjunta a base naval torna Singapura tam importante para a R. A. F. como para a marinha. O Comandante em chefe de Singapura é, de facto, marechal do Ar — Sir Robert Brooke-Po-

phan. — Todas as forças terrestres e aéreas britânicas na Malacia, Birmania e Hong-Kong estão sob o seu comando único. As forças navais estão dependentes do comandante em chefe da estação da China, Vice-Almirante Sir Jeffrey Lyton, que estabeleceu em Singapura o seu quartel general principal.

Considerada como inexpugnável do lado do mar, atendendo as suas poderosas baterias costeiras, as mais fortes e mais eficientemente guardadas do mundo, Singapura está exposta ao ataque de terra pela provincia de Malaca e ao ataque aéreo proveniente de bases apropriadas na Indochina ou no Tailam.

Por este motivo nos últimos meses Singapura e o hinterland de Malaca na extensão de 450 milhas receberam milhares de soldados das forças imperiais. Os seus efectivos compreendem regimentos de infantaria e artilharia da India e unidades britânicas, australianas e neo-zelandesas.

Essas tropas receberam instrução especial e estão altamente mecanisadas. A elas vieram juntar-se poderosas esquadilhas da R. A. F. e das aviações australiana e neo-zelandesa.

A base dispõe de reservas imensas de munições, gasolina e viveres.

As baterias costeiras estão guardadas noite e dia. A primeira voz as defesas anti-aéreas da cidade, as docas, os acampamentos militares e as bases aéreas podem entrar em acção.

Se a guerra alastrar ao Pacifico e a Gran-Bretanha se envolver nela, Singapura abrirá as suas asas protectoras e os seus navios de guerra far-se-ão ao mar para manter a integridade dos interesses da Inglaterra e dos seus aliados no Extremo Oriente.

W. M. Towler

ATA

Um cavalo com força de elefante!

A EXTRAORDINÁRIA SELECTIVIDADE, POTENCIA, SONORIDADE E CAPTAÇÃO DESTA MODELO, VAO FAZER DELE O RECEPTOR PREFERIDO DO RADIÓFILO ENTENDIDO E EXIGENTE

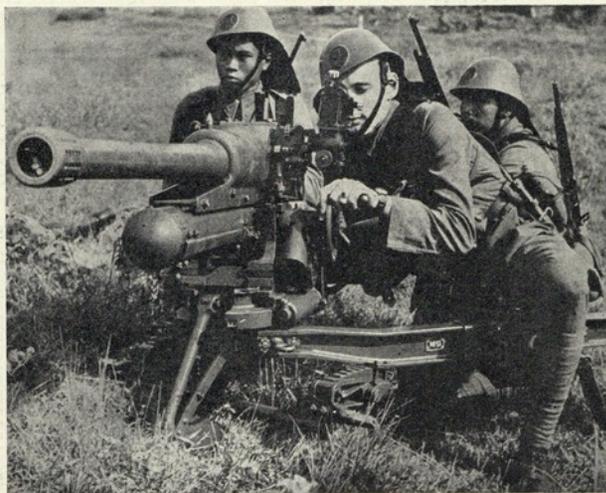
SE OUVIR ESTE RECEPTOR, COMPRÁ-LO-Á

Lincoln

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

* RADIO INDUSTRIAS LDA *

RUA DA MADALENA N°85 5/L TEL.21219



As Indias Holandesas estão também poderosamente defendidas. Um canhão anti-tank

C I N E M A

A OFENSIVA DO CINEMA INGLÊS MANTÉM-SE VITORIOSA MAIS VINTE E DOIS NOVOS FILMES!

Após tantos anos de incessantes hostilidades no campo artístico-económico, a Gran-Breianha alcança, não sem pesados sacrifícios, a sua primeira esmagadora vitória cinematográfica, visto que se categoriza, a face da luz glacial dos números, como primeiro país produtor de filmes, no continente. Quem relancear os olhos pelos estúdios britânicos, ponderar no que neles se produz e prestar atenção ao noticiário da Imprensa, mormente o da especialidade, fica convencido de que a necessidade de se bastar a si próprio e de satisfazer as exigências do mercado confinada às dimensões da sua metrópole, é inspirada pela consciência de uma falange de obreiros que não pode viver sem ligar a realidade pátria ao destino inamovível duma certeza, muito breve, de predomínio do filme britânico... E' para isso que todos trabalham: produtores, artistas, realizadores e empresários. E' cedo ainda para se avaliar, em toda a extensão dos seus altos méritos, o quanto toda a comunidade inglesa deve, de simples ou nobre, de apagado ou de eloqüente, aos propulsores desta causa, criadora de uma nova mentalidade que, em pouco tempo, não só divorciou o presente do passado como, ainda, sob o impulso de um mais ousado espirito de renovação, decidiu acertar, dentro dos estúdios, o «mecanismo» que fazia accionar todas as suas células de trabalho. E em boa hora o começaram, empurrado por uma juventude animada de belos idealismos e forjado sobre a dor de uma geração que, perante o pasmo de todo o mundo, suporta a mais dura e cruel experiência, apenas estimulada por uma necessidade que lhe é imposta pela própria vida... E' esse esforço tremendo, que sentimos modelado pela fé patriótica, pelo heroísmo e pelo sacrifício, que enche a nossa alma de intenso júbilo! E absolutamente justificado por esta brilhante quota de produção: 22 novos filmes de grande metragem, alguns já concluídos, outros quasi terminados. Na impossibilidade de nos referirmos a todos, citaremos os mais dignos de nota.

49.th Parallel: — Um notável filme realizado pelo famoso realizador Michael Pavell. O argumento, cujos exteriores fôram filmados no Canadá, desenrola-se em volta das aventuras de um grupo de marujos alemães, sobreviventes de um submarino afundado no estreito de Hudson, próximo da fronteira do Canadá. Nos principais papeis intereem Laurence Olivier, Raymond Massey, Anton Walbrook, que se naturalizou cidadão britânico, e Glynis Johns, uma estreada, que se revelou uma extraordinária actriz. A Imprensa considera esta película a melhor do ano, produzido nos antigos estúdios de Alexander Korda, em Denham.

This Ghost Train: — Uma esplêndida tragi-comédia, que tem por quadro de acção uma estação de caminho de ferro. A direcção é de Walter Ford, veterana figura do cinema inglês. Os primeiros papeis fôram confiados a Arthur Askey, Richard Murdoch, Kathleen Harrison e Herbert Thomas.

Freedom Radio: — Um brilhante filme de propaganda em cuja acção, desenrolada em Viena, tomam parte o sempre admirável Clive Brook; Diana Wynyard, a célebre vedeta de «Calvagada», Derek Ferr, Margaret Rutherford e Henry Edwards. A realiação traz a assinatura de Anthony Asquith, o famoso director de «Pigmalião».

Spring Meeting: — Alta comédia, do mais fino bom humor, tipicamente inglesa, com a grande atracção de reunir no seu elenco a famosa vedeta Nova Pilbeam e Sarah Churchill. Interpretam outros papeis Emid Stamp Taylor e Margaret Rutherford.

Conclusão: O cinema inglês continua!

António Lourenço



O grande actor Robert Montgomery, tenente da Armada Americana, que chegou a Inglaterra num bombardeiro, para ocupar o seu lugar de assistente naval junto da embarcação dos E. Unidos



Tito Gnziss, Larry Simms e Penny Singleton, numa cena de «Blondie Goes Latin», em que o primeiro canta, em português, o samba: «A vida de casado é melhor...»

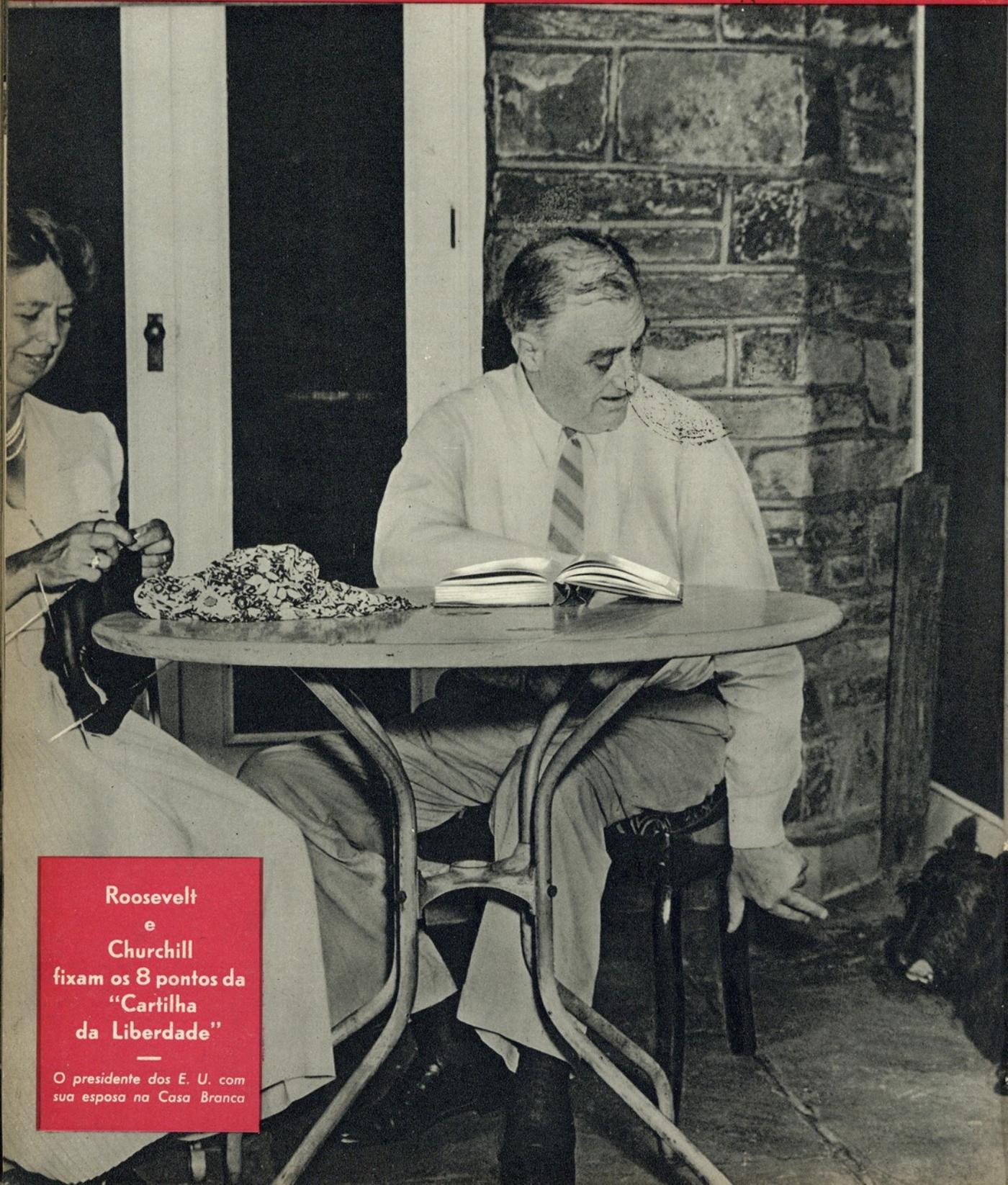
ALA, ARRIBA!

de LEITÃO DE BARROS

Leitão de Barros concluiu a filmagem da sua nova produção *Ala, Arriba!*, cujo argumento, da autoria do vigoroso dramaturgo Alfredo Cortez constitui um precioso documento sobre a vida heróica dos povoeiros. Actualmente procede-se aos trabalhos de sonorização, sob a competente direcção do maestro Rui Coelho, findo os quais o filme entrará em fase definitiva da montagem: trabalho insano e fatigante, como é o da escolha de milhares de fragmentos, que serão retalhados e, depois, ordenados com beleza, ritmo e emoção. Antes, porém, do filme adquirir a sua unidade estética, quanta soma de sacrifícios e de desespêros não vai ser exigida a Leitão de Barros, para que *Ala, Arriba!* comunique ao público todos os anseios de beleza pictórica e de expressão dramática, que a sua depurada retina de pintor e de realizador surpreendeu, através das objectivas das câmaras, na vida e nas almas dos pescadores da Povoia de Varzim? Ninguém avalia o esforço que representa juntar, um a um, mil pedaços de celuloide e dar vida a uma história com uma... tesoura!

Como já referimos, todos os papeis são vividos por autênticos pescadores, com excepção da característica Maria a esquita e do actor Luiz Pinto que, além de actuar na figura de um padre, também desempenhou as funções de ensaiador de todos os intérpretes.

MUNDO GRÁFICO



Roosevelt
e
Churchill
fixam os 8 pontos da
"Cartilha
da Liberdade"

O presidente dos E. U. com
sua esposa na Casa Branca